LIBRARY OF PRINCETON
NOV 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54

Znitas.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/unitas2010inst

UNITAS

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 2 7 2002
THEOLOGICAL SEMINARY

Caráter	2	Miguel Rizzo
Notas e Comentários	7	J. Goulart
O Decálogo	11	Lauro Bretones
A Bíblia e a Criança	20	G. Campbell Morgan
Reafirmação do pacifismo cristão	26	Roland Bainton
Facetas da vida	35	M. R.
Lutas da alma crente	38	Odayr Olivetti
Não permita Deus	42	W. Gordon Robinson
As gordas e as magras	46	Maria Amélia Rizzo
À margem da história	49	M. R.
O ensino da religião	53	R.

PREÇO: 10,00
ANO 20 — N.º 10
OUTUBRO — 1958

Curso de Religião

POR CORRESPONDÊNCIA

O Instituto de Cultura Religiosa organizou um Curso dessa natureza que será ministrado em dois anos assim divididos:

CURSO BÁSICO

ENSINO DE JESUS — EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

AÇÃO SOCIAL DOS FIÉIS

CURSO SUPERIOR

DIRETRIZES DE JESUS — DETURPAÇÕES DO CRISTIANISMO

REALIDADES ESPIRITUAIS

As lições começam a ser distribuidas em março.

O Instituto espera que as pessoas que se inscreverem no curso se comprometam:

1 — a estudar muito bem as lições;

2 — a responder os questionários que acompanham cada uma delas;

3 — a aplicarem, na divulgação do Cristianismo, os conhecimentos que adquirirem por meio dêsse curso.

As matrículas estarão abertas de 1.º de novembro a 15 de fevereiro e as lições serão distribuidas a partir do mês de março.

Quem se dispuser a assumir os compromissos acima, poderá inscrever-se logo, dirigindo-se ao Instituto de Cultura Religiosa, Caixa postal 7.203, São Paulo.

• Verifique se a sua assinatura está vencida ou por vencer pròximamente. Mande-nos logo a importância de Cr$ 100,00 para que lhe possamos continuar a enviar a revista regularmente.

• Ao enviar qualquer importância, faça-o em nome do Instituto de Cultura Religiosa, e não em nome pessoal de qualquer dos diretores.

• Envie-nos suas impressões sôbre a revista. Elas são de grande ajuda. Estamos procurando fazer o melhor. Mas gostariamos de saber como nossos leitores estão vendo a sua revista. Escreva-nos.

• Pedimos também seu auxilio para o aumento do número de leitores da revista. Procure oferecer a um amigo uma assinatura anual a titulo de experiência.

ÚNITAS

Órgão Oficial do Instituto de Cultura Religiosa

Diretor — MIGUEL RIZZO JR.
Redator — LAURO BRETONES

Colaboradores permanentes:
Jorge Goulart, Adauto Araújo Dourado, W. J. Goldsmith, Camilo Ashcar, Oscar Arruda, Alceu Maynard Araújo, Odilon Nogueira de Matos, Márto Barreto França, José Borges dos Santos Jr. e Samuel Figueira

EXPEDIENTE

O *Rev. Miguel Rizzo Júnior,* Diretor desta revista, atenderá sòmente às têrças e quintas-feiras das 14 às 17 horas, à Rua Barão de Tatuí, 528.

Assinatura anual	Cr$ 100,00
Número avulso	" 10,00
Sócios do Instituto:	
Mensalidade —	
Interior	Cr$ 20,00
S. Paulo, Rio, Recife ..	" 25,00

Endereço:
Rua Barão de Tatuí n.º 528 — Caixa Postal 7.203 — Tel. 51-7499
SÃO PAULO — BRASIL

CARÁTER

MIGUEL RIZZO

O "Estado de São Paulo", grande matutino que se edita nesta Capital, na edição de 10 de junho de 1930, contou os fatos que vamos aqui resumir. Estava Anatole France em uma roda de amigos, quando alguém dêle se aproximou, com um papel na mão, pedindo-lhe que o assinasse. Lendo o que ali estava, o famoso romancista declarou: "Mas não é possível. Trata-se de um requerimento ao rei da Espanha; estou de relações cortadas com êle, não posso fazer-lhe tal pedido". Pareciam terminantes essas declarações. Mas o indivíduo insiste e passa a pena ao escritor. Êsse afixou logo a assinatura no documento. Alguém, que estava perto, estranhou-lhe a atitude, e comentou a incongruência que ela representava. Então Anatole, com tôda naturalidade, afirmou: "Vocês todos sabem que eu não tenho caráter".

Os admiradores do talento do grande romancista têm procurado explicar, de várias maneiras, essa triste ocorrência. Tudo, porém, é inútil. As pessoas que a conhecem e não ignoram que, realmente, há muitos lances na biografia de Anatole suficientes para justificar sua declaração — feita sem ressalva alguma — ao lerem seus livros, jamais sentem por êle aquela admiração irrestrita que seu talento literário poderia ter produzido nas almas bem formadas, se vivesse unido às excelências da vida moral.

O caso é sintomático e deixa patente a importância do caráter no conjunto dos valores humanos. É superior à fortuna, pois, onde êle não existe, ela se transforma em fôrça propulsora de corrupção e degenerescência. É mais belo do que o talento, pois, sem o seu concurso, as inteligências mais brilhantes se deslustram a serviço de causas injustas e nefastas. É mais desejável do que as altas relações sociais, porque, sem a sua inspiração, elas, que, deviam ser as estimuladoras da virtude, transformam-se em campo assaz propício para a dissolução dos lares e de outros valores reais da vida.

Contrastemos Anatole com Walter Scott. Chegara êsse aos cinqüenta e cinco anos e já alcançara triunfos literários magníficos, quando faliu a firma editora, de que era sócio. A falência foi inevitável, mas havia, ao alcance de Walter Scott, recursos legais e fáceis para fugir às responsabilidades financeiras que assumira. No entanto, resolveu êle pagar a todos os credores até ao último centavo. O dinheiro perdido lhes pertencia. Tôdas as formas de concordatas foram repelidas pela dignidade serena de Walter Scott. No próprio dia em que soube da falência, atirou-se à luta febril. Simplificou a vida, vendeu o que possuia e consagrou-se heròicamente ao trabalho! No fim de quatro anos, já liquidara uma dívida correspondente a setecentos mil cruzeiros. No afã do combate, perdeu a saúde. Alquebrado, e no meio de cruciantes sofrimentos, continuou a tarefa até realizá-la por completo. No dia em que faleceu, dirigiu-se a um amigo nestes termos: "Se bom, sê virtuoso; quando estiveres a partir, como, eu, será isso o teu grande consôlo!"

Aí temos dois escritores. Ambos notáveis. Um alia ao gênio fascinante a retidão moral. Seu nome, dando brilho à literatura de um país, enriquece também as tradições de nobreza da raça humana. O outro possui talento — não há negar — mas a vida íntima se lhe desdobra em atos que a maculam e podem estimular nos espíritos fracos a prática do mal. Qual dos dois deverá servir de exemplo à geração atual, que, no fragor de lutas fatídicas, ainda sonha com a reconstrução do mundo? Não pode haver duas respostas para essa pergunta.

Feitas estas apreciações, indaguemos, agora, quais são os elementos essenciais para a organização do caráter.

Dois, especialmente: princípios exatos; e estímulos capazes de transformá-los em orientadores definitivos da vida.

Tratemos, primeiro, dos princípios. São êles as normas básicas que dirigem a conduta individual. Há muitas pessoas que falham moralmente, não porque lhes falte sinceridade e até esfôrço, mas sim porque tentam plasmar o seu próprio caráter em moldes falsos, recebidos, ou pela educação do lar, ou em leituras mal dirigidas, ou tomadas a esmo do ambiente em que vivem.

Um dos maiores crimes praticados contra a economia popular nos últimos tempos, teve como protagonista um indivíduo de inteligência notável, que hoje cumpre pena em uma das penitenciárias de Portugal. Descreveu êle sua agitada aventura em dois alentados volumes. Logo no começo, expõe as diretrizes que, muito jovem ainda, escolhera para sua conduta. Fascinado por certa literatura dissolvente da época, convencera-se de que só valem, perante o público, os homens que alcancem grande fortuna. Se êsse é o valor supremo, concluia êle, os meios para consegui-lo serão secundários. O que era o seu ponto-de-vista, nesse particular, êle o expõe com grande veemência. Mas o elitor, de caráter bem formado, lendo tal exposição, de princípios falsos, prevê logo a catástrofe moral que êles determinarão. Quem os aceita há de, fatalmente, encaminhar-se para a reclusão penal.

Kant, em seu livro "Metafísica dos costumes", apresenta um critério fácil para verificar a excelência ou as falhas dos princípios de conduta. Resume-se nesta pergunta: "Que é que acontecerá, se todos agirem como eu estou agindo?" Exemplifiquemos melhor. Um homem resolve adotar a mentira nas suas transações comerciais. Para apreciar o valor dêsse princípio, êle imaginará o que seria da sociedade, se todos o imitassem.

O critério é, de fato, muito eficaz. Mas acontece que o egoísmo humano não costuma perder tempo com essas cogitações. Êle indaga, apenas, quais os métodos que lhe dão lucros imediatos. O que vai acontecer aos outros, como resultado fatal de suas ações, é coisa de somenos importância.

Um caso típico. Celebrizou-se, em nosso meio, não faz muito tempo, um artista teatral, pela hilariedade que costumava produzir nos

auditórios. Um jornal, acusando-o, afirmou que êsse humorista jamais consentia que sua espôsa e sua filha fôssem ao teatro, quando êle representava. Não queria corrompê-las com suas anedotas, mas pouco se lhe dava que, por meio de seu humorismo envenenado, outras famílias se pervertessem. Fora dos palcos, onde representam as comédias, há muita gente que põe em prática em outras atividades da vida, métodos tão condenáveis como os do infeliz ator.

A construção de um caráter sólido, repitamos, depende de vários fatôres.

Um dêles é o hábito de ler bons livros. É muito fácil de perceber como pode a leitura promover o desenvolvimento dos homens. Imaginemos, por exemplo, um médico que, depois de formado, se atirasse exclusivamente à clínica, deixando de lado os livros. Que é que lhe acontecerá? A ciência médica vai-se desenvolvendo todos os anos, impelida por pesquisas feitas em vários centros científicos do mundo. Ora, quem não acompanhar por meio de leituras metódicas êsse evolver da ciência, dentro de alguns anos será um retrógrado. O que acontece com referência à medicina se verifica igualmente em outras ciências. Quem acompanha, por meio de leitura adequada, a evolução de qualquer uma delas progride incomparàvelmente melhor do que aqueles que não cultivam o hábito de ler. Mas não é só nas regiões da ciência que tal fenômeno se verifica.

Para a formação de estilo, os grandes mestres de composição literária recomendam que se leiam os grandes autores, estudando atentamente a maneira pela qual expressaram suas idéias. É inegável que êsse exercício tenha efeitos positivos. Uma vez perguntaram a Coelho Neto como foi que conseguiu o riquíssimo vocabulário com que jogava nos seus escritos. A resposta foi esta: "Lendo Camilo". Basta êsse fato para que se veja que a leitura tem realmente efeitos marcantes sôbre a mente.

Mas, como não estamos aqui tratando especificamente de evolução científica, nem da literária, analisemos os efeitos que as leituras podem ter no aperfeiçoamento moral.

Sem dúvida alguma, elas, de certo momento, representam um tônico eficaz para as vontades combalidas. Eis um fato que torna êsse fenômeno evidente: "Houve uma épo-

ca na vida de Pasteur em que êle se encontrava preocupadíssimo em salvar a indústria do seu país, ameaçada por uma praga que devastava os bichos da seda. Desejando debelá-la, aquêle sábio entregou-se a pesquisas quase que intermináveis. Em dado momento, começou êle a vislumbrar a causa do mal que queria combater. Fêz experiências, cujos resultados pareciam satisfatórios. A vitória — que seria também a da indústria do seu país — estava prestes a ser alcançada.

Mas, foi precisamente nessa época que o grande cientista tombou vítima de uma hemorragia cerebral. Quase morreu. Conseguiu, porém, voltar ao trabalho, mas estava paralítico de um lado. Nunca mais conseguiu corrigir êsse defeito. Desejava ardentemente prosseguir nas suas pesquisas, mas, percebendo que as forças físicas lhe faltavam, passou por uma crise angustiosa. Tinha a mente cheia de planos que lhe pareciam viáveis. Via o caminho aberto para realizá-los mas faltava-lhes o essencial — a saúde.

Como era natural, começou, então, a abater-se e só não se entregou, vencido, ao espectro do desalento que o ameaçava, porque teve a oportunidade de ler, nessa época, o livro de Smiles, que se intitula: "Ajuda-te a ti mesmo". O impulso que recebeu da leitura dessa obra, segundo êle mesmo o afirma, o levou a trabalhar enèrgicamente, apesar da debilidade orgânica que o martirizava.

Dêsse modo, um só livro contribuiu não só para reerguer o ânimo de um cientista, como também para sustentar a marcha da ciência, numa hora em que ela ia desfalecendo. Não é êsse um resultado magnífico? O próprio inglês que escreveu o livro, provàvelmente, nunca suspeitou que essa obra, que é de caráter moral, tivesse efeitos tão decisivos na evolução das pesquisas científicas.

Note-se que êsse caso é apenas um entre milhares, em que a leitura de um livro realizou prodígios semelhantes.

Notas e Comentários

J. Goulart

A CRISE BRASILEIRA E A SOCIOLOGIA

Um jornalista de São Paulo, comentando a crise brasileira, principalmente no terreno político, onde se têm registado as mais deploráveis transações, num desrespeito gritante a todos os princípios da moral e da dignidade humana, lembra a conveniência de se encarregar uma comissão de sociólogos eminentes, de descobrir as causas desta lamentável decadência.

A lembrança, além de parecer ingênua, olvida todos os esforços já realizados neste sentido. De fato os sociólogos já andaram pelos "mucâmbos e sobrados", pelas "casas velhas e senzalas", já percorreram todos os terreiros, já investigaram as nossas origens etnicas, já consideraram os elementos novos que penetraram na velha massa, e nem deixaram de incluir o nosso clima tropical e tôdas as influências geográficas que pudessem, de alguma maneira, influir nos nossos costumes, na nossa religiosidade ou na falta de forças morais e espirituais que orientassem a nossa vida.

O mal já está, de há muito, diagnosticado. O fator único, se há fator único, não é o econômico, como poderia supôr um comunista, mas o fator moral, ao seu aspecto negativo. Entretanto, não adianta diagnosticar. O de que precisamos é de u'a mudança de mentalidade, aquilo que, na teologia, nós chamaríamos de regeneração. O que prevalece, num meio que se diz religioso, porque todos se chamam cristãos é um ateismo prático, um procedimento inteiramente divorciado de qualquer convicção pròpriamente religiosa.

Quer-nos parecer, porém, que não devemos exagerar a situação. Que vivemos uma hora trevosa, em todos os setores, é certo. Até no seio das famílias. Um comentarista dizia, outro dia, que, no seu entender, existem mais pais transviados do que filhos transviados... Todavia, se considerarmos bem a matéria, encontraremos sempre um "restante", uns poucos mil que "não se dobraram diante de Baal". Êste elemento básico servirá de apoio para início de uma campanha, de uma renovação, de uma evangelização que desperte as consciências. Ainda há quem não venda o seu voto; ainda se encontram modestos servidores, como aquele varredor que entregou à polícia os setenta mil cruzeiros que encontrou no lixo. Ainda há gente virtuosa e modesta que esconde as suas nobres ações. Uma coisa, porém, é necessária: que os discípulos de Cristo se conduzam com firmeza e com fé.

———oOo———

DO PARTIDO À CLASSE

Tristão de Ataide, em dois artigos, na "Fôlha da Manhã", faz um interessante estudo acerca da transformação que se foi operando na Rússia, pela qual o Partido Comunista acabou transformando-se em uma classe privilegiada, uma nova burocracia, que, por sua vez, degenera num personalismo perigoso gerador dos temores que têm resultado nos mais violentos expurgos.

O prestigioso escritor está, nos referidos artigos, comentando o livro que tanta impressão tem causado em todo o mundo, devido ao heroismo e desassombro de Milovan Djilas, o comunista teórico que conseguiu passar da prisão para o mundo inteiro o seu novo conceito da revolução bolchevista.

Diz êle: "Em contraste com as antigas revoluções, a comunista, feita em nome da extinção das classes, resultou na mais completa autoridade de uma única e nova classe" (M. Djilas — A nova classe, pág. 60). "Essa nova classe — a burocracia ou, mais exatamente, a burocracia política — tem tôdas as características das anteriores, acrescida de algumas outras novas e próprias" (pág. 62).

> Tristão de Ataide traça muito bem o processo natural da evolução de uma sociedade primitiva:
>
> "Sim, porque tôda sociedade é uma explicitação de instituições virtuais. Uma sociedade primitiva é aquela que possui as suas instituições fundamentais, isto é, a Família, a Escola, a Empresa, o Estado e a

> Igreja — em forma de semente, concentradas numa família ou na tribo. A civilização outra não é senão a *explicitação* dessas instituições implícita ou invisìvelmente contidas na indistinção empírica de um grupo primitivo. À medida que uma sociedade evolui, essas instituições vão passando do estado *virtual* ao estado real e vão se concretizando. Vão tomando corpo. Vão se tornando autonomas. Uma sociedade é tanto mais civilizada quanto mais autonoma (não soberana) se torna cada uma dessas instituições. Numa sociedade civilizada a Família é estável, a Empresa é livre, a Escola é autonoma, o Estado é um poder relativo com direitos próprios mas não absolutos, a Igreja, é independente. Numa sociedade bárbara a família é frouxa, a empresa não existe, a escola se confunde com a família ou com a tribo, o Estado é absoluto ou se reduz também à família ou a um chefe individual, a igreja, como coletividade de fiéis, é inexistente. A passagem da indistinção institucional à eclosão das cinco instituições fundamentais da sociedade, com a consciência crescente dos seus direitos próprios e dos seus deveres para com o bem comum, é que constitui o fito de ouro da civilização.
>
> Ora, tôdas as vêzes que se processa uma hipertrofia de um dêsses grupos e a atrofia dos demais, e portanto desaparece ou se enfraquece a *pluralidade dos poderes*, ocorre o que acima chamamos de *reversão às origens*. A sociedade involui."

Foi justamente o que se deu na Rússia. O esmagamento de todos os direitos, a absorpção pela suposta coletividade de tôdas as instituições básicas de uma sociedade evoluida e culta, o surgimento de uma burocracia onipotente, e, finalmente, a encarnação num chefe sobrevivente aos outros de todos os poderes e de tôda a iluminação e clarividência.

O fato é impressionante e desafia o estudo e as interpretações dos estudiosos. Entretanto não é novo. Paul Blanchard, nos seus livros sôbre a liberdade e o absolutismo, em face das instituições, demonstra com segurança de argumentos e de fatos, que a hierarquia romana repete o fenômeno do comunismo, ou, melhor, o comunismo é uma *reprise* do catolicismo romano.

Pode-se admitir que o sistema romanista tem sofrido uma alteração no sentido democrático, à custa das vicissitudes por que tem passado às mãos do despotismo comunista na Rússia e nos seus satélites. É verdade que, onde ela, a Igreja Romana, exerce poder

absoluto, o fenômeno se repete. Todavia há esperança de uma transformação para melhor.

Neste terreno Tristão de Ataide não entra, porque, apesar de católico liberal, a sua paixão pelo papado, não lhe permite uma crítica mais imparcial.

———oOo———

CONCEITOS DA VIDA

No capítulo treze do livro de Gênesis, encontramos uma ilustração muito viva acerca de dois conceitos diferentes da vida — um materialista e outro espiritualista. É quando Abrão e Ló regressam da perigosa aventura do Egito. Vinham ambos ricos e a riqueza promove á separação até mesmo entre os mais intimos. Foi quando Abrão, num gesto de absoluto desprendimento e de confiança em Deus, ofereceu ao sobrinho a escolha: "Se escolheres a direita eu irei para a esquerda; e, se a esquerda, irei para a direita". Ló estendeu a vista para as campinas que circundavam o Mar Morto e, movido pela cobiça, não teve outras considerações. Não se lembrou de que devia tudo a Abrão que o trouxera de Haran como um filho, que o instruira e iniciara na vida, que era por direito natural o chefe e senhor do clan. Só pensou nas vantagens econômicas, materiais, interesseiras. Mas acrescenta a passagem: "Entretanto os habitantes daquelas terras eram excessivamente maus". Não foram poucos os riscos que Ló correu, desde ali, tanto do ponto de vista moral, como do ponto de vista de sua segurança pessoal.

Abrão, após seu rasgo de nobreza e de fé, recebeu o confôrto de Deus e a renovação das promessas já dadas. Nada lhe faltou apesar do prejuizo aparente. É melhor viver os princípios que regem a vida espiritual.

LAURO BRETONES

O DECÁLOGO

"Destes dois mandamentos depende a Lei e os Profetas" (Mat. 22:10)

O gênio hebreu antigo legou ao mundo o mais notável código de conduta religiosa, moral e social. No gênero, êle é incomparável, a despeito das semelhanças que êle guarda com o chamado código do rei Hamurabi. Essas semelhanças, longe de desmerecer o valor do Decálogo, fazem dêle um documento humano histórico inegável e autêntico. Mas não é só. O Decálogo ultrapassa o Código de Hamurabi: êste se tornou obsoleto e aquele mantém hoje uma impressionante atualidade, como veremos. Hebreu na origem, é êle hoje um patrimônio da humanidade. Seus postulados são de alcance universal. Nêle não se encontram traços de preconceito nacional do povo hebreu, nem peculiaridades raciais.

Que conseqüências determinaria a aplicação do Decálogo à vida do homem comum e das nações? Os que o examinam superficialmente e pretendem que êle seja apenas um documento religioso, não chegam a perceber seu alcance. A muitos parece êle antiquado e simples de mais para a complexidade dos nossos problemas. Contudo êle é uma Lei básica insuperável. Nêle se resumem tôdas as leis que nós criamos e com as quais estruturamos a nossa vida social. Fôsse o Decálogo pôsto em prática e seriam outras as condições do homem e da sociedade em nosso tempo. Um consciencioso juiz americano declarou que "nós aprovamos 10.000 leis para nos ensinarem a por em prática os 10 Mandamentos". O pior é que a complexidade e o volume das nossas leis, longe de corrigir nossos males, nem nos ensinam a por em prática os 10 Mandamentos. Que aconteceria se o Decálogo se tornasse a Lei básica do povo brasileiro?

Um velho escocês procurou o Ministro e comunicou-lhe o propósito de ir ao Monte Sinai, subir ao topo do monte, assentar-se e ler, solenemente, os 10 Mandamentos. Há uma coisa melhor a fazer, observou o Ministro. Que é?, indagou o escocês. Se eu fôsse você, ficaria em casa e poria em prática os 10 Mandamentos!

Os 10 Mandamentos bastariam para fazer feliz qualquer povo... se o povo decidisse pô-los em prática. Referindo-se aos preceitos da Lei divina, dizia o salmista: "Em os guardar há grande recompensa" (Salmo 19:11).

Tocamos o ponto nevrálgico do Decálogo: pôsto em prática soluciona êle todos os problemas fundamentais da vida individual e social. O que não ocorre em relação às leis com as quais estruturamos nossa vida social. Estas, ainda que cumpridas à risca, se ressentem de deficiências congênitas insuperáveis. Podem elas, quando muito, condicionar a vida social. Não corrigem, porém, os defeitos básicos da natureza humana.

Só há dois processos pelos quais se torna possível a observância de preceitos legais. Um dêles é o processo ditatorial. Uma ditadura, seja facista ou comunista, pode impor ao povo a exigência da estrita observância da lei. Isso é fácil. Quem dispõe da fôrça pode obrigar seu semelhante a enquadrar-se em determinado sistema de leis. Um regime comunista é só isso. Nêle, ninguém pode agir diferentemente. Sua lei não admite escolha. Ela só impõe obediência. Ainda que seus objetivos sejam bons, ela representa a vontade exclusiva do grupo dos ditadores. E essa é a razão fundamental por que ela nunca realiza seus fins, e acaba por degenerar-se em conflito e caos. Um ditador nunca é um homem bom. Êle é sempre um bandido, um degenerado, um megalomaníaco. Nenhuma nação fundada sôbre a lei da fôrça permanece. E mais: ela não realiza o seu sonho, a sua utopia, por bela que seja. As ditaduras comunistas que hoje impoem sua lei a alguns povos vão degenerar-se em conflito, em caos (para elas e para nós), em miséria e sofrimento. Vão seguir o caminho natural de tôdas as ditaduras, ou de todos os sistemas sociais impostos pela fôrça. Seus resultados, além de poucos, e curtos, só deixam uma memória negra. Tivemos, há pouco, o destino do facismo e do nazismo. O comunismo seguirá a mesma direção.

O segundo processo é o que vem indicado no Decálogo. É o processo divino. Não pode ser humano porque êle possui dinamismo inerente. Seus efeitos não resultam de uma obediência imposta, e sim de uma obediência voluntária. É o que veremos a seguir.

"Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:3)

Êsse é o primeiro mandamento do Decálogo. Êle preceitua a exclusividade de Deus. Só há um Deus. Não pode haver vários. Se admitirmos a existência de vários deuses nenhum dêles terá dignidade. E se nós adorarmos êsses deuses também nós não teremos dignidade. Um homem que divide sua lealdade com vários deuses é um homem indigno. O mesmo pode ser verdade em relação a um povo.

Quando um homem adora vários deuses isso significa que nenhum dêles o satisfaz. A idolatria (a tentativa da representação de Deus em vários deuses) é um descrédito lançado à onipotência de Deus. Se o Deus que adoramos é supremo e nos satisfaz, não necessitamos de outro. Porém, se o nosso deus é pequeno e fraco, é preciso valer-se de muitos. Um sério problema que decorre dessa orientação é o de saber quantos deuses são precisos.

Nossa vida não pode subsistir sem um princípio de integração. Para mantê-la e destiná-la a um fim qualquer é imprescindível que haja um princípio de integração. O princípio de integração pode ser qualquer um. Mas é certo que a natureza dêsse princípio determina o destino de nossa vida. Se o Deus que Jesus nos revelou se tornar o princípio integrador de nossa vida, podemos confiar no futuro. E no presente também. Eis aí uma importante conseqüência dêsse postulado do Decálogo. Ninguém confia em um homem que adora a muitos deuses. Tal homem apresenta-se com uma lealdade dividida. Ninguém é capaz de determinar a que deus êle é leal em dado momento.

Êsse postulado determina outras importantes conseqüências. A consciência de um Deus único e exclusivo cria a unidade da família, da sociedade, e do próprio universo. A unidade do homem decorre da unidade do seu Criador. A unidade do universo decorre do mesmo postulado. Deus é o princípio da unidade universal. Um mundo unido, fraternal, pacífico, só é possível com fundamento nesse postulado do Decálogo.

Ninguém pode servir a dois senhores e manter a unidade da vida. A humanidade não pode manter-se unida e em paz se muitos deuses lhe disputam a lealdade.

"Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu sou Deus zeloso, o Senhor teu Deus, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos" (20:4, 5, 6).

O segundo mandamento preceitua a espiritualidade *de Deus. E proíbe, conseqüentemente, tôda tentativa de materialização da vida espiritual. Os antigos hebreus foram os primeiros a conceber Deus como Ser espiritual, irredutível à materialidade. A superioridade dos hebreus sôbre os demais povos é digna de nota. Já ao tempo de Moisés — dois mil anos A.C. — tiveram êles uma visão bem clara da espiritualidade do culto. Êsse mandamento especifica a natureza do culto que se deve prestar a Deus, bem como instrui sôbre o tipo de relações que a criatura deve manter com o Criador. O culto deve ser espiritual, interior, autêntico, e as relações são de ordem pessoal. É verdade que os hebreus criaram uma forma de culto cerimonial para a adoração coletiva. Um dos elementos destacados do culto era a Arca do Concêrto, conservado no lugar Santíssimo no qual só penetrava o sumo-sacerdote para oficiar pelo povo todo. Mas a Arca não era objeto de adoração. E há um pormenor notável: a arca estava vazia. Nela não depositaram os hebreus qualquer figura, imagem ou estatueta que siquer lembrasse a figura de Deus. Mas na Arca estavam as tábuas do Decálogo. Estava igualmente depositada a vara de Arão. Êsses objetos, longe de ser instrumentos de culto, não representavam a figura da divindade. Eram relíquias históricas que assinalavam uma fase brilhante na vida religiosa do povo. Mas nem siquer eram postas à vista do povo. Estavam depositadas no lugar onde só o sumo-sacerdote entrava uma vez por ano.*

A Arca vazia pode ser tomada como expressão de uma realidade espiritual básica: uma adoração verdadeira e espiritual de Deus reclama a existência de condições humanas decisivas. Uma dessas condições é o interior vazio. Sem ídolos. Sem fantasias espirituais. Bem-aventurados os limpos de coração porque êles verão a Deus — declarou Jesus no Sermão do Monte. Se o que visamos com o exercício espiritual é uma viva compreensão de Deus e do seu

propósito em relação a nós, então é necessário que nosso interior esteja destituido de ídolos, desobstruido, limpo e vazio.

Parlidários da exploração do sentimento religioso do povo insistem na necessidade de elementos estimulantes eapazes de desencadear, no interior, o dinamismo espiritual. Pretende-se transformar a motivação espiritual em instrumento de exploração na qual não se pode esconder o processo comercializante. Todo dinamismo espiritual é, no princípio, precedido por um fator desencadeante. Mas o importante é observar que um fator deseneadeante não se limita a dar início a um processo. Êle pode determinar a natureza e o fim dêsse proccsso. O que o gênio hebreu viu, já naquela épocu, alguns psicólogos a serviço de uma falsa espiritualidade, cseondem dos fiéis. Uma imagem representada pela figura humana, ainda que bela e estimulante do ponto de visla artíslieo, não é só um fator deseneadeante da vida espirilual. Ela determina a natureza da vida espiritual bem eomo o seu alcanee. O que oeorre, freqüentemente, é que os fiéis, estimulados por processos artistieos "cristianizados" criam uma espiritualidade da mesma natureza, isto é, artistica e pomposa, mas limitada e vazia de conteúdo espiritual autêntico. É inevilável que tal dinamismo espiritual não ultrapasse os limites da imagem desencadeante. Há as exceções, mas eomo sempre, para confirmar a regra. Uma vida espiritual autêntica não precisa ter, como falôres desencadeanles, senão as experiências da própria vida. "A minhalma tem sede de Deus, do Deus vivo", exelamava o salmista. A vida espiritual se torna mais autêntica e dinâmica na proporeão em que ela deixa de ser o produto forçado de uma estimulação artifieial para lornar-se a natural conseqüência de uma necessidade vital.

A proibição estipulada pelo mandamento era válida, e é válida. Proibição para fabriear e adorar imagens. Proibição universal: nem imagem do que há no céu, nem na terra, nem nas águas debaixo da terra. O gênio hebreu já ultrapassara o primitivismo da adoração de fenômenos da natureza, da figura humana ou animal, e da figura de sêres aquálicos.

A arte pictórica ou escultural não é boa motivação para a vida espirilual, sobretudo para a adoração de Deus.

"Enquanto tuas mãos e tua cabeça estiverem trabalhando teu coração deve descansar em Deus. Deus é espirito. Lembra-te de que

também és espírito, criado à sua imagem", escreveu o grande místico alemão Boheme.

A proibição estipulada pelo mandamento é justificada dessa forma: "Porque eu sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração dos que me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos". A materialização de Deus, seja em forma idolátrica ou simplesmente artística, representa sempre uma corrupção de conseqüências danosas para gerações.

A corrupção apresenta-se em dois sentidos. Primeiro, em relação à pessoa individual. A materialização do culto nunca pode ser tomada pelo próprio culto. O culto espiritual revela-se em formas objetivas, mas estas não podem confundir-se com aquêle. Um culto materializado corrompe porque, além de não expressar fielmente a realidade espiritual, não a pode produzir. Não é possível que o material produza o espiritual, ou que o exterior produza o interior. O material pode condicionar *o espiritual. Daí a importância que se deve dar a êsse mandamento. Devemos criar condições propícias ao desencadeamento do dinamismo espiritual. Em segundo lugar a materialização do culto produz uma divisão na sociedade. Cada um, ou cada grupo, ou cada povo, se julga de posse do verdadeiro culto. Aparecem várias formas de idolatria cada qual se atribuindo a exclusividade da representação de Deus. Essas formas variadas de culto estratificam-se nos grupos sociais e provocam conflitos. As guerras provocadas por crenças religiosas são as mais cruéis. Desenvolve-se, ràpidamente, o espírito de intolerância, que é precisamente o oposto do autêntico sentimento religioso.*

O derradeiro reduto da natureza humana é o sentimento religioso. Quando êste se corrompe nada mais resta. Um culto materializado traz sempre a marca da própria natureza humana corrompida. Ora, o que se pretende com a vida espiritual é transformar a natureza humana. E ocorre que uma geração transmite à outra sua concepção de Deus. Daí a advertência contida no mandamento.

Deus fala a cada criatura. As relações entre Deus e a criatura são pessoais e diretas. Êle é como um pai. Êle é justo na distribuição dos bens a cada filho, mas a natureza das relações é estritamente pessoal. De resto, ninguém pode reproduzir uma imagem de Deus que satisfaça a todos.

"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (20:7).

O terceiro mandamento preceitua a reverência *no uso do nome de Deus. Tomar o nome de Deus em vão significa usá-la levianamente. Ou — o que é pior — usá-lo criminosamente para garantir ou acobertar uma situação insustentável.*

O nome é uma parte inseparável, inalienável, da pessoa e do caráter. Ninguém pode usar o nome de outrem, sobretudo se êle é um bom nome, sem sua expressa permissão. Tanto quanto nos é dado admitir, Deus não empresta seu nome a ninguém nem passa procuração para ninguém... O uso leviano do nome de Deus produz uma atitude de leviandade em face da vida. Pessoas que freqüentemente pronunciam o nome de Deus são pessoas pouco sérias. E a exploração do nome de Deus é um processo de que se utilizam os que pretendem garantir e acobertar uma situação indefensável. O mentiroso, o desonesto, o falso, freqüentemente usam o nome de Deus para garantir sua palavra, seus negócios ou seus compromissos. O que pretendem com o uso do nome de Deus é apenas causar impressão. Em tais casos funciona um mecanismo psicológico muito claro: a inexistência de valor pessoal exige a utilização de um valor fora da pessoa. Há pessoas que se utilizam, indevidamente, do nome honrado e reconhecido de outras. Mas algumas pessoas excessivamente corrompidas e sem nenhum caráter, vão adiante: usam logo o nome de Deus na suposição de que isso produza grande impressão.

O mandamento proibe o uso de fórmulas mágicas ou cabalísticas com a intenção de impressionar. A vida religiosa presta-se a essa forma de exploração. A vida religiosa está intimamente associada à vida moral. Se ela não transforma a vida moral ela só pode ser falsa.

Decorre dêsse mandamento a condenação do perjúrio, ou juramento falso. Quem invoca o nome de Deus para garantia de sua palavra não tem convicção. O juramento é falso quando êle precisa de garantias fora da própria pessoa. Jesus advertiu: seja o vosso falar sim, sim, e não, não; o que passa disso é falso.

Uma atitude de reverência para com as experiências da vida decorre, naturalmente, da observância dêsse mandamento.

"Lembra-te do dia do sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás tôda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fêz o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que nêles há, e ao sétimo dia descançou; portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou" (20:8-11).

O quarto mandamento contém prescrições bem específicas sôbre o dia do descanso. É admirável que o Decálogo tenha incluído êsse problema da organização social entre os seus postulados. Embora se encontre uma divisão do tempo entre os primitivos, a instituição de um dia com êsse caráter sagrado, é exclusivamente hebreu.

O sábado judaico sempre foi um dia de descanso e recordação. Nele se recordavam os antigos hebreus de que a criação fôra realizada por Deus. Tôda vêz que o homem se recorda de que êle mesmo é uma criação de Deus, passa a considerar sua existência com vistas a essa origem. Inevitàvelmente, isso reveste a vida de seriedade e santidade. A vida vale pouco, ou vale nada, se não a atribuirmos a Deus. Em cada período da existência é preciso cessar tôdas as atividades materiais e entregar-se à reflexão sôbre a origem da vida em Deus. Sobretudo os cristãos devem fazer do domingo um dia de reflexão sôbre a nova criação de Deus em Jesus Cristo. A conversão produz uma nova criação. O cristão foi criado de novo em Jesus Cristo. O domingo é o dia em que êle se entrega à meditação sôbre essa experiência para fortalecê-la e renová-la.

O sábado dos hebreus era também um dia de gratidão. Nêle os hebreus se recordavam da libertação do jugo dos egípcios. De igual modo, nós cristãos devemos fazer do domingo um dia de gratidão a Deus pela libertação do jugo do pecado. Nós fomos arrancados, à fôrça da graça divina, da escravidão do pecado para a liberdade. Nunca nos devemos esquecer dêsse fato. Para comemorá-lo instituimos o domingo. Santificamo-lo. Os hebreus santificaram o sábado porque nele Deus concluira tôda a obra da criação. Nós santificamos o domingo porque nele Cristo concluiu tôda a obra da nova criação. Foi no domingo que Jesus ressurgiu.

Aí estão as razões históricas e religiosas por que devemos fazer do domingo o dia da meditação sôbre a origem da vida, de

júbilo pela libertação do pecado e de glória a Deus pela realização de sua obra redentora. Mas há outras razões.

Há razões de natureza pessoal.

O homem tem um corpo que obedece a leis naturais. Uma dessas leis é a do descanso. Na organização da sociedade o domingo exerce a função dessa lei. Tendo tido Deus por seu criador, a vida física também se reveste de valor excepcional. O cristianismo ensina que o nosso corpo é a morada do Espírito Santo.

Além disso, o homem tem uma mente que precisa revigorar-se ao contato com pensamentos puros e elevados. A vida religiosa é a fonte dêsses pensamentos. A mudança de preocupações que o domingo propicia desempenha a função não só de higiene mental mas de verdadeira renovação mental. Um menino pediu que o pai o levasse ao jardim zoológico, de que era administrador, para ver os animais. "Não precisa ir tá", objetou o pai. "Olhe para mim e veja que não sou muito diferente dos animais com os quais tido". Animais não precisam de descanso mental. Mas o homem precisa, porque êle é diferente dos animais.

O homem tem alma. Ela precisa de alimento próprio para subsistir e fortalecer-se. Desgastamos nossos recursos espirituais durante a semana. É de tôda conveniência que revigoremos nossas almas em um dia especial.

Quando santificamos o domingo santificamos todos os outros dias. Nosso povo é fraco moral e espiritualmente. Uma das causas dessa situação é o desrespeito pela lei divina do descanso e da adoração. A vida vale pouco, a moral não resiste às tentações, e o espírito é anêmico e sub-nutrido, sujeito a várias enfermidades. Nossos avós referiam-se ao "sábado". Nossos pais falavam no "domingo". E nós nos referimos ao "week-end". O domingo perdeu seu sentido em nossa civilização. Foi substituido pelos passeios, pelos esportes, e por tôda sorte de corrupção moral: nos cinemas, teatros e lupanares. Caminhamos para a desgraça total inevitável. Lincoln dizia que, guardando o domingo conservamos a última esperança da humanidade. Desrespeitando-o perdemos essa esperança. Voltaire, no seu desespero de lutar para a destruição do cristianismo, disse: "Não há esperança de destruir o cristianismo enquanto o domingo for reconhecido e guardado como dia sagrado". Milhares de cristãos (ou falsos cristãos!) estão ajudando Voltaire a destruir o cristianismo e a destruir as últimas esperanças da civilização. É difícil fazer que os cristãos voltem atrás agora. O melhor é esperar que êles retrocedam depois da desgraça total... se puderem retroceder.

A BIBLIA E A CRIANÇA

G. Campbell Morgan

(Transcrito da revista "Biblos")

Temos aí reunidas em uma só frase dois vocábulos repletos cada qual de fascinação: Bíblia e Criança.

John Ruskin afirmou que as características da meninice são: humanidade, fé, caridade e exuberância. Pois são êsses mesmos os grandes temas de que trata a Bíblia. Ela interpreta a humanidade, e a consciência de seu conteúdo está expressa na trilogia: fé, amor e esperança. Ver-se-á imediatamente que as idéias sugeridas por essa tríade são idênticas às contidas na frase de Ruskin a respeito da criança: fé, caridade, exuberância, uma vez que êle emprega caridade no sentido exato de amor, e que a exuberância é a experiência resultante da esperança. Pôsto que a Bíblia trata de tôdas, ela o faz do princípio ao fim na sua relação com Deus. É assim evidente a íntima relação entre a Bíblia e a Criança; poderíamos, portanto, aceitar sem mais argumentos que o ensino da Bíblia à criança é de importância suprema.

Para quem toma essa posição, é por si só evidente. Contudo, e uma vez que todo o pensamento hodierno sofre em maior ou menor medida a influência do espírito da época, interessado como está, filosòficamente falando, no autodesenvolvimento do homem independentemente da revelação divina, será de bom arbítrio reconsiderarmos alguns fatos elementares e elementais. É a isso que nos propomos no presente estudo. Fá-lo-emos procurando responder a duas perguntas muito simples porém inclusivas:

Por que devemos ensinar a Bíblia à criança?

De que modo deve ser feito êsse trabalho?

POR QUE DEVEMOS ENSINAR A BIBLIA À CRIANÇA?

A resposta cabal e completa a essa questão encontra-se nas palavras que Paulo escreveu a Timóteo (II Tim. 3:15). Na carta foram acidentais, porém nem por isso menos completas ou finais na sua revelação. Contêm elas uma filosofia inteira de instrução religiosa, tanto no que respeita ao germe como à norma. A filosofia está aqui em germe, o que quer dizer que depende de desenvolvimento e aplicação a fim de satisfazer as exigências de cada época, e é capaz de tal desenvolvimento e aplicação. Está igualmente aqui a filosofia como norma, o que quer dizer que permanece como regra ou padrão pelo qual deverá ser testado e corrigido todo desenvolvimento e aplicação.

Empreguei propositadamente a palavra *instrução* de preferência a *educação*. Nessa escolha reconheço o fator distintivo da religião bíblica, ou seja, que ela apresenta Deus que se aproxima do homem, e, portanto, antes uma implantação do que um desenvolvimento. Revelação pressupõe capacidade receptiva, porém pressupõe também ignorância. A capacidade para religião é inata em cada ser humano, porém exige iluminação e energia de fora para que se possa realizar. É nesta altura que muito do pensamento hodierno discordará de mim, e por isso faço logo a declaração, pois que tudo que pretendo dizer e, ainda, tudo que é sugerido pela passagem em foco, depende da aceitação dêsse modo de encarar a vida humana.

Para entendermos a palavra apostólica, precisamos recordar certos fatos a respeito da pessoa a quem foi dirigida. Nesta carta, em lauce anterior, Paulo chamara Timóteo "meu amado filho" e, na sua carta anterior, "meu verdadeiro filho na fé". Conforme sabemos pelo livro dos Atos, Timóteo era filho de casamento misto: sua mãe era uma judia de nome Eunice, e a mãe desta, Lóide, era da mesma fé. Seu pai, porém, era grego. É evidente portanto que a instrução religiosa de Timóteo estivera a cargo de sua mãe e também sob a influência de sua avó. Paulo se refere à "fé sem fingimento que primeiramente habitava em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice". Quando, nas palavras que estamos considerando, o apóstolo admoestou Timóteo a permanecer nas coisas que aprendera e das quais fôra assegurado, acrescentando: "sabendo de quem as aprendeste, e que desde a infância sabes as sagradas letras," — êle se referia indubitàvelmente ao ensino que o menino recebera da mãe. Parece quase certo que Timóteo foi conduzido a Cristo durante aquêle período atribulado do ministério de Paulo em Antioquia, Icônio, Listra e Derbe: não há afirmação histórica nesse sentido, porém a narrativa da ocasião em que Paulo levou Timóteo a viajar com êle nos induz a essa conclusão.

Trata-se evidentemente, pois, de um menino ensinado quando pequeno nas verdades da religião hebraica, de modo tal que, chegado Paulo o grande hebreu demonstrando como essas verdades tiveram sua realização em Cristo, êle se tornou cristão. Agora, decorridos anos, êste mesmo Timóteo é encontrado no pleno ministério de Cristo — em Éfeso por ocasião da primeira carta, e provàvelmente ainda quando lhe chega às mãos a segunda. Paulo pois o está admoestando a ser fiel àquele ensino de infância, e, assim fazendo, revela-lhe o valor e, de passagem porém positivamente, o valor da literatura que lhe era fundamental.

Mais uma vez, antes de focalizarmos a atenção sôbre as palavras, observemos como, no parágrafo que vai desde o versículo 14 até o 17, a Literatura Bíblia é colocada ao lado da personalidade em seu desenvolvimento: começa com a criança, e termina com o "homem completo", e mais: completamente equipado para o trabalho.

A Literatura é descrita na frase "sagradas letras" — *hiera grammata* — (letras sagradas ou santas), sendo empregado o vocábulo "letras" indubitàvelmente no sentido de literatura. O que Paulo queria significar por "sagradas letras", êle o revela mais adiante quando assim as define: "tôda escrita inspirada por Deus". Ligado a essa definição êle declara o valor de tal escrita. É quádruplo. Fornece ensino — e o têrmo indica ensino autorizado que pode ser aceito como verdadeiro e sôbre o qual se pode edificar. Fornece arguição — e o têrmo nada tem a ver com repreensão, porém se refere a um método pelo qual pode ser provado aquilo que é edificado sôbre o ensino. Fornece correção: se a arguição revelar alguma coisa em desacôrdo com o ensino, demonstra como pode ser acertado aquilo que está assim fora do prumo. Fornece disciplina na justiça, ou seja, tudo que é necessário para prosseguir na obra de desenvolvimento. E tudo isto até que o homem de Deus se complete, tornando-se perfeitamente habilitado para tôda boa obra.

Voltemo-nos agora para considerar as próprias palavras que possuem êsse valor, e, fazendo-o, para buscar a solução da questão de como devemos ensinar a Bíblia à criança. Três pontos se salientam e podem ser assim resumidos:

1) O alvo ou objetivo do ensino da Bíblia é a salvação.

2) O caminho para a experiência da salvação é "pela fé em Cristo Jesus".

3) A condição mental necessária para o exercício dessa fé é o recebimento do conhecimento ou da sabedoria que se encontra dentro das "sagradas letras".

Antes de considerarmos êsses pontos com mais pormenores, devemos dizer que, embora a referência apostólica fôsse indubitàvelmente à literatura hebraica, podemos aplicá-la a tôda a Bíblia conforme a possuimos agora, e isso porque tôdas as estradas do Velho Testamento conduzem à revelação do Novo. Na conhecida frase de Agostinho, Cristo está "latente no Velho e patente no Novo Testamento". Assim, a partir dêste ponto em nossas considerações, as "sagradas letras", as "escrituras inspiradas por Deus", são concebidas como a Bíblia, conforme nós a conhecemos.

Claramente, o conceito apostólico do pleno valor do ensino das "sagradas letras" é o da salvação do ensinado. O propósito, pois, do ensino da Bíblia à juventude é a salvação. Quando falamos em salvação, é da máxima importância que pensemos com grandeza e não com mesquinhez. A salvação é uma experiência grandiosa e poderosa. O Novo Testamento revela-a como central no cristianismo. De fato, o ensino de Cristo é claríssimo, que, caso exista quem não necessite da salvação, êle nada tem a dizer-lhes. "Não vim chamar os justos mas sim os pecadores".

Salvação, pois, postula perigo e promete segurança. Implica franqueza e oferece fôrça. Enfrenta fracasso e abre caminho de recuperação e realização. Reconhece as fôrças que são destrutivas e anuncia um caminho de vitória sôbre elas.

A salvação, no tempo, é progressiva; na extensão, inclusiva; no valor, suprema.

É progressiva. A salvação tem tempos: passado, presente progressivo, e futuro. É possível referir-se a pessoa à salvação como alguma coisa que se deu e dizer: Fui salvo ali e naquela ocasião. É necessário podermos dizer que estamos sendo salvos, em um processo de salvação. Há também um sentido em que por hoje a experiência é inacabada, de modo que achamos o tempo futuro: "A nossa salvação está agora mais perto do que quando no princípio cremos".

A salvação é inclusiva. Há um sentido em que a frase "salvação de almas" pode causar mal-entendido. De qualquer modo não é expressão bíblica. Não é incorreta, desde que a palavra *alma* seja usada para significar a personalidade na sua integra. Muitas vêzes porém se emprega como se dissesse respeito sòmente ao lado espiritual da natureza humana. A análise de personalidade que Paulo usa na carta aos Tessalonicenses é vital: êle ora por aquêles cristãos, para que seu "espírito, alma e corpo" fôssem conservados de todo irrepreensíveis. Aí o espírito se refere ao ser essencial, a alma representa a apreensão mental e o corpo naturalmente a habitação temporária da pessoa. Jesus Cristo não veio ao mundo para salvar espíritos, ou para salvar almas, ou para salvar corpos, considerados isoladamente. Sua salvação tem que ver com espírito, mente e corpo. Sem dúvida alguma ela começa com o fato central, o espírito, porém na sua operação prossegue à transformação da mente, e atingirá sua glória final quando o Salvador transformar o nosso corpo de humilhação para ser igual ao corpo da sua glória. Interpretações acanhadas da salvação são perigosas sempre, e nunca em medida maior do que quando estamos pensando na criança.

Devemos lembrar-nos sempre de que a criança está no mundo, não por sua própria vontade ou decisão, e que, aqui estando, acha-se no meio de fôrças que são destrutivas de suas mais elevadas possibilidades. Ademais, e seja qual for a terminologia teológica que empreguemos, ela é consciente de tendências interiores que são igualmente destrutivas.

São êsses os fatos que constituem a necessidade de salvação. É, pois, para possibilitar a cada criança a posse da salvação que lhe ensinamos a Bíblia.

Pode ser uma pergunta chocante, porém de grande importância, que devemos dirigir a nós mesmos quando estamos ensinando a Bíblia às crianças: por que o fazemos? qual o nosso alvo? que fito temos em vista? e qual a paixão dominante que nos inspira nessa obra? Se a resposta for nebulosa, ou menos sublime do que êsse propósito revelado, então, para não dizer pior, não compreendemos o serviço que nos está afeto.

Nesta altura creio que seja oportuna uma palavra de aviso. Não estou pretendendo sugerir que, ao ensinar a Bíblia, devemos começar perguntando à criança: Você está salva? ou, Deseja ser salva? Sem qualquer intenção de crítica censória, sou forçado a confessar que tenho minhas dúvidas do trabalho entre crianças quando se envereda por êsse caminho. Sem dúvida, momentos poderão chegar em que tais perguntas sejam perfeitamente pertinentes e apropriadas. Nossa primeira obrigação, porém, é a de cuidar em que a criança tenha sua oportunidade para escolha individual na presença da grande possibilidade da salvação; e essa oportunidade sòmente pode ocorrer à medida que ela esteja de posse da verdade sôbre o assunto. Essa verdade é contida nas "Sagradas Letras".

Isso nos leva ao segundo ponto saliente: a salvação vem ùnicamente pela fé em Cristo Jesus, o que o apóstolo torna perfeitamente claro pela sua expressão: "a salvação pela fé em Cristo

Jesus". Evidentemente o apóstolo presume que as "santas letras" conduzem a Cristo. Isso êle descobrira como resultado de sua apreensão na estrada para Damasco. Até então êle possuira as "santas letras" de seu povo, e nelas fôra instruído filosófica e teològicamente, aos pés de Gamaliel. Quando, na sua própria expressão, Paulo foi "apreendido" no caminho de Damasco, verificou primeiro que o Jesus que êle imaginava jazia morto em um túmulo na Judéia, estava vivo; novamente em suas próprias palavras, Jesus para êle foi "declarado Filho de Deus com poder pela ressurreição dentre os mortos".

De tão revolucionária que lhe foi essa revelação, que levou Paulo para a Arábia, onde ficou dois anos, talvez três, sem dúvida ocupado na reconsideração de tudo que tinha, à luz daquilo que acabava de descobrir. Verificou, não que o Velho Testamento fôsse obsoleto, porém que fôra cumprido na pessoa de Jesus ressurreto; que tôdas as estradas reais da Lei, dos Profetas e dos Escritos tiveram por fim conduzir a Cristo. Por êsse motivo diz a Timóteo: "Desde a infância sabes" estas "santas letras", e que "podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus". O alvo das "santas letras" é o Cristo. Para nós evidentemente o Novo Testamento está incluído, pois é êle especificamente a literatura do Cristo, que cumpriu tôda a expectativa revelada no Velho Testamento.

Ora, o caminho para se entrar nessa salvação é o da fé no Cristo que assim se revela. Nesta altura devemos fazer uma pausa. Alguém poderá perguntar: Então a salvação é questão de crença? A resposta é, que depende inteiramente do que se quer dizer por crença. Se crença é mera convicção intelectual, então jamais levou e nunca poderá levar uma alma à experiência da salvação. Podemos formular uma definição prática da fé nestes têrmos: é entrega voluntva a uma convicção intelectual. Posso estar convencido de que Jesus é o Filho de Deus e o Salvador do mundo, sem contudo entrar na experiência da salvação. Quando porém eu cedo a essa convicção, tomando a atitude que com ela condiz: entrego-me a Cristo, confio nele, aventuro a minha alma nas mãos dêle, — então estou exercendo a fé que salva.

Aqui por mais uma vez se torna necessária uma palavra de cautela ponderada. Se tal fé é uma necessidade fundamental, não nos esqueçamos de que ela poderá apresentar muitos métodos secundários de ação e de manifestação. Poderemos cometer um êrro terrível se procurarmos obrigar as crianças a determinado método secundário que porventura tenha caracterizado a nossa própria entrada nessa experiência. Há, por exemplo, dezenas de milhares de pessoas, no dia de hoje, que se lembram com nitidez o próprio lugar e momento em que exerceram a fé. A decisão veio transformar-lhes a vida, mudando seu curso e sua direção, e a experiência foi vulcânica na sua erupção e influência. Ilustrarei pessoalmente o assunto dizendo que não possuo semelhante recordação. Ao declarar isso, não estou me desculpando, porém antes gloriando-me — não em mim mesmo, mas grato a Deus pelo lar em que nasci e pelo ensino que recebi. Pois também posso dizer que desde a infância foram-me ensinadas as "santas letras". Não há a menor dúvida de que, nalguma altura do desenvolvimento da minha individualidade, houve o momento em que fiz a minha própria entrega voluntva às verdades que assim aprendera, concernentes a Cristo. Não me lembro quando se deu.

A única certeza é de que a relação com Cristo não pode ser estabelecida a não ser pelo ato voluntário do indi-

víduo. Êsse ato pode ocorrer de várias maneiras. Tenho conhecido pessoalmente muitos jovens que entraram em uma real experiência da fé cristã através do ofício de profissão de fé, na Igreja Episcopal. Posso imaginar que alguém dirá que estou pregando a salvação pela profissão de fé. Absolutamente. Nem tampouco prego a salvação pelo ato de "ir à frente", levantar a mão ou assinar uma ficha. Qualquer dêsses métodos pode ser perfeitamente correto, porém o que é vital — e volto a usar minha fórmula — é a entrega volitiva a uma convicção intelectual.

É com o fito de trazer a criança a um ponto onde isso seja possível, que lhe ensinamos a Bíblia.

Chegamos então ao último e, em certo sentido, o ponto de vital importância nestas considerações. Nas "santas letras" é que Cristo nos é apresentado, e é sòmente ali que o encontramos. Êle não se descobre através das especulações de almas sinceras a seu respeito. Positivamente Êle não é encontrado, primeiramente, naquela nebulosidade que chamam de experiência. Cristo entrará em nossa experiência, porém será o início dela. O Cristo que salva é o Cristo revelado nas "santas letras".

É êsse, sem a menor dúvida, o sentido da afirmação do apóstolo, de que elas "tornam sábio para a salvação". Sem faltar com a reverência, posso dizer que a essência do pensamento se encontra numa expressão da gíria americana que fiquei conhecendo. Há alguns anos, por ocasião do grande surto de negócios na Flórida, um senhor perguntou-me se já estivera lá. Ciente de que eu não estivera, ofereceu-me seu cartão comercial e me disse: "Se estiver em ir, não deixe de me procurar primeiro, que poderei *put you wise* (torná-lo sábio) para certas coisas". Talvez seja perigoso eu imaginar que entendo as subtilezas do idioma americano, porém creio que não estou muito errado afirmando que o que êle queria dizer, em outras palavras, era isto: êle poderia fornecer-me informações que, uma vez que eu me orientasse de acôrdo com elas, me seriam vantajosas.

Pois é exatamente isso que Paulo quer dizer: as "santas letras" fornecem informações que, se os homens agirem de acôrdo com elas, lhes serão vantajosas. A informação é a verdade a respeito de Cristo. Essa informação não salva, porém sem ela não pode haver a respectiva entrega. Daí a plena e vital importância de se ensinar a Bíblia à criança. A responsabilidade daqueles que têm crianças a seu cargo é a de lhes tornar conhecidas essas "santas letras" — e nunca é cedo para iniciar. Não é obra final, porém é fundamental: não pode compelir a fé, porém pode a ela impelir.

Tôda a infância de hoje é um apêlo à Igreja de Deus para que lhe comunique essa sabedoria. Não estou dizendo que é um apêlo consciente por parte da infância, porém das próprias necessidades da sua natureza. A maior tragédia da hora é que, em inúmeros casos, mesmo por parte de pessoas que por suposto fazem trabalho cristão, essa obra mais vital de tôdas está sendo em grande parte negligenciada, ou feita de tal modo que não alcança resultados.

REAFIRMAÇÃO DO PACIFISMO CRISTÃO

ROLAND BAINTON

Na atual situação do mundo a "sabedoria dos gregos" *deve ser suficiente para nos salvar da destruição atômica. Mas os cristãos estão obrigados a seguir uma sabedoria mais elevada, qualquer que seja o preço*

É estranho que não-cristãos através dos séculos têm considerado o cristianismo pacifista. No segundo século o pagão Celsus declarava que se todos fôssem cristãos o império seria suplantado pelos bárbaros. No século 4 Juliano, o Apóstata, perguntava aos homens de Alexandria se a cidade se tornara grande por causa dos preceitos do Galileu ou por causa das proesas do seu fundador, Alexandre o Grande. No Renascimento Niccolo Machiavelli atribuia a fraqueza do seu tempo à "nossa religião". No século 19 Friedrich Nietzche pensava que o moto do cristianismo deveria ser: "Hoc signo vinces" — fracasso. Em nosso tempo, Alfred Loisy, havendo repudiado o cristianismo, interpretava sua ética em termos tolstonianos. E recentemente o rabino Klausner afirmou que a ética de Jesus destrói o Estado. É de admirar como êsses incrédulos chegaram a tais conclusões, pois o comportamento dos cristãos desde Constantino

nunca deu margem para tal. Teriam êsses infiéis lido os Evangelhos sem supervisão?

Se a inferência dessa questão provar que êles estão certos, resta perguntar se infiéis são melhores exegetas. É de supor que o sejam quando se trata de ética, porque, tendo rejeitado a ética, êles estão em melhores condições de conservá-la intacta do que aqueles que, estando presos a ela, encontram-se sempre sob a tentação de pô-la em nível inacessível.

Começando com Constantino

Êsse ponto de vista tem sido sustentado não só pelos não-cristãos como também por cristãos em constante sucessão. Até a época de Constantino a igreja era pacifista neste sentido: nenhum cristão de renome perdoava a participação na guerra. A maior concessão que um dos pais da igreja fêz foi admitir que um cristão permanecesse no exército, sob a condição de não matar; Êle nunca seria chamado a matar se ficasse estacionado no interior do império onde o exército desempenhava o papel de fôrça de polícia. Ao tempo de Constantino, quando os cristãos começaram a crescer em número, os pacifistas se tornaram minoria. E minoria têm sido até aqui, embora sejam uma minoria consistente e contundente. Na Idade Média, os monges primeiro, e as seitas depois, conservaram o ideal pacifista. Desde a Reforma tem havido um bom número de grupos pacifistas — Menonitas, Huterianos, Socinianos, Quakers, e Irmãos.

A apreciação dos não-cristãos e o testemunho dos cristãos devem merecer de nossa parte um estudo cuidadoso das implicações da ética cristã. Não nos deteremos no exame dos textos e dos argumentos sôbre essa velha questão. É melhor trazer logo a nossa presente situação à barra da ética cristã. Os "realistas" devem ser realistas quanto às nossas presentes dificuldades e quanto às implicações dos nossos procedimentos atuais. A guerra assumiu novas dimensões. Não é mais cruel do que quando os assírios romperam o curral e se espalharam por tôda a parte, matando, pilhando, esfolando e fazendo escravos. Uma rápida destruição atômica seria preferível. Mas as dimensões da guerra moderna são globais, e as conseqüências não podem ser medidas em termos de uma geração, pois o efeito de uma guerra atômica talvez torne os sêres vivos sobreviventes incapazes de transmitir a vida.

Muitos, inclusive teólogos cristãos, não vêm outra possibilidade de evitar o desastre senão pela manutenção de uma balança de

terror. Deixam-se guiar pela máxima dos antigos romanos: "Se queres a paz, prepara-te para a guerra". Estão dizendo agora que, pela primeira vêz na história, o terror das armas se tornou um dissuasor da guerra. Se, pois, queremos a paz, devemos estar tão preparados para a guerra como os nossos inimigos.

O que isso significa para todos nós o realista deve compreender. Dois terços da arrecadação nacional empregamos nas despesas bélicas — do passado, do presente, e do futuro, frias ou quentes. (O autor refere-se ao orçamento norte-americano). Nossos jovens são retirados da fazenda, da fábrica e do escritório, por dois anos, e postos nas barracas onde são amoldados. O pêso de uma taxação intolerável não pode ser relaxado.

Não nos devemos esquecer de que a balança do terror não é estática. Cada parte está procurando desequilibrar a balança para o seu lado. Por isso, nossos melhores cérebros têm que dedicar-se à invenção de novos e mais mortíferos instrumentos, e à criação de uma defesa para êles. Todos os especialistas afirmam que não é possivel deter um ataque atômico. Durante a última guerra 95% das bombas lançadas sôbre a Inglaterra foram interceptadas, mas 5% por cento atingiu o alvo — e cinco por cento de bombas atômicas pode pulverizar a ilha. Na próxima guerra os teleguiados, voando a elevadas altitudes e em velocidades incríveis, podem burlar a interceptação.

A única possibilidade de defesa é diminuir o perigo de morte do ataque. Uma possibilidade é a evacuação das cidades, mas só em alguns casos isso é praticável. A alternativa que resta é o refúgio dos subterrâneos. Nas cidades uma pessoa deve estar a 3 minutos de distância do abrigo, e no campo, a 15 minutos. Faz pouco tempo a revista *Life* publicou um artigo ilustrado com os desenhos de um abrigo pré-fabricado para ser posto no fundo do quintal. Êsses abrigos têm duas saídas: uma na superficie e outra subterrânea, á semelhança dos coelhos, há um milhão de anos. Os moradores eventuais dêsses abrigos poderão orar assim:

Deus do coelho e da toupeira
Nós te agradecemos essa caverna de plástico
Onde, fugitivos dos raios cósmicos,
Passamos, amontoados, os feriados.
Quando floresce o açafrão, alegre de esperança
Nós o vemos através do periscópio.

Se por êsses meios pudermos interceptar o ataque atômico, o inimigo lançará mão de outros recursos. Pois, balançar a balança significa nada menos que uma franca alternância entre ofensiva e defensiva, e vice-versa. Quando o submarino atômico cruzou, com sucesso, a calota polar, iludindo todos os ouvidos e olhos mecânicos da marinha, e apareceu no porto de Boston (donde uma arma nuclear poderia lançar projetil para atingir um ponto a 3.200 quilômetros em terra), especialistas começaram a dizer que devemos agora inventar um processo para encurralar o submarino atômico. Na verdade, tudo quanto inventarmos será logo duplicado pelo inimigo e usado contra nós, e simultâneamente devemos criar uma arma de ataque e logo o meio de interceptá-la. Mas essa proteção estará logo nas mãos do inimigo e nossa arma se tornará obsoleta, e nós teremos que procurar outra mais aperfeiçoada. Se a guerra atômica fôsse eliminada dessa forma, ela seria substituida pela guerra bacteriológica, e nós teriamos que sair das nossas cavernas e munir-nos de agulhas hipodérmicas. Precisariamos imunizar também nossos estoques de viveres bem como nossos campos de plantações. Se nisso fôssemos bem sucedidos, então reviveria o processo do gás mortifero e nós reverteriamos ao estágio em que os homens andavam com antolhos.

Saibam os realistas que, se prosseguirmos nessa direção, caminharemos, se não para a extinção completa das espécies, pelo menos para arruinar completamente a vida.

O mais grave

Contudo, ainda não levantamos as questões mais graves. O que se disse até aqui mostra apenas a inconveniência à qual seriamos forçados a submeter-nos. Muito mais perturbador, do ponto de vista cristão, é o deveremos fazer aos nossos inimigos. Se a balança de terror é um dique à guerra, é-o apenas porque estamos querendo lutar. Isso significa que se a Rússia lançar um ataque atômico de surprêsa e matar um milhão de pessoas nos Estados Unidos em uma noite, nós deveremos revidar por meio de bombardeiros que operam por contrôle remoto e que levam cargas nucleares. Deveremos também ter pronta uma equipe de submarinos atômicos sob a calota polar e que ràpidamente possam emergir no mar Báltico e lançar sua carga letal no interior da Rússia. Depois do sacrifício de um milhão de americanos nós

deveremos destruir cem milhões de russos numa ação de represália.

Pode isso ser descrito como atitude cristã? "Minha é a vingança, eu retribuirei", diz o Senhor. Mas se alguém cita um texto é logo acusado de legalismo. É curioso que o apóstolo Paulo, o mais anti-legalista dos escritores do Novo Testamento, citaria êsse texto do Velho Testamento, e de modo a deixar claro que era isso o que êle entendia por atitude cristã. Se banirmos os textos, que restarão das atitudes? O mesmo apóstolo enumerou, como fruto do espírito, o seguinte: "Amor, gôso, paz, longanimidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gálatas 5:22, 23). Êle não teria siquer considerado a represália maciça.

Mas essas virtudes são particulares e não públicas, dizem-nos. (Incidentalmente, foi isso exatamente o que disse Machiavelli). Lembremo-nos de que o apóstolo disse que os poderes que existem foram ordenados por Deus e não trazem a espada sem razão, e existem para proteger o bem e punir o mal. E carregar a espada sem razão não é não resistência, nem bondade, nem mansidão. Mesmo o exercício da fôrça policial requer que essas virtudes pacíficas sejam consideradas como atitudes e não como atos. Mas, na situação em que nos defrontamos com a represália massiça, poderão aquelas virtudes sobreviver mesmo como atitudes. Podemos amar um criminoso ao mesmo tempo em que lhe impedimos a prática do crime. Mas aniquilar cem milhões de pessoas em represália ao aniquilamento de um milhão de pessoas já mortas e sem possibilidades de restauração, é algo difícil de enquadrar-se com o amor, a longanimidade, a bondade, e mesmo com a temperança. Essa casuística sublime nem siquer foi tentada por Machiavelli.

As questões dos realistas

Se se põe de lado a possibilidade do aniquilamento de cem milhões como represália, de nada vale jogar com a política internacional, com os argumentos de um ataque atômico. Deveremos, então, suspender nosso programa atômico.

Alguns pensam que poderíamos lutar em guerras limitadas. Mas isso é problemático porque uma guerra limitada estaria dentro do âmbito de uma guerra ilimitada.

Que ocorreria se suspendêssemos nosso programa atômico? Eis o problema que os realistas põem diante dos pacifistas. Problema que os pacifistas não podem resolver. Uma possível ocorrência é que os russos nos

imitem. Mas ninguém pode assegurar que êles procederão dessa forma. Tal experiência jamais foi feita. Teria efeitos espantosos. Presumivelmente não há poder na fraqueza, mas há fôrça moral na renúncia voluntária da fôrça. Se nós decidissemos abandonar nosso programa de armamento os russos abandonariam também o seu.

Mas, por outro lado, isso pode não ocorrer. Êles poderão rir-se de nossa decadência e dominar o mundo. Isso não seria nada de desejar mas confessemos que seria preferível a uma terceira guerra. Falei a pessoas na Alemanha ocidental que pensam assim. Não estariam dispostos a suportar outra guerra para reconquistar a zona oriental. E alguns, se os russos dominassem o ocidente alemão, permaneceriam em suas casas em lugar de fugir. Um dos meus amigos, que tinha dinheiro bastante para comprar uma casa ou um automóvel e fugir precipitadamente (pois reside na zona fronteiriça), preferiu comprar uma casa. Não seria fácil a um cristão viver sob o dominio russo; mas não seria impossivel. E, em lugar de treinar-nos para a guerra, deveríamos disciplinar-nos a fim de resistir à tirania por dentro.

Ambigüidades inevitáveis

Contudo, o aspecto mais grave de tudo isso é que o impacto da opressão não recairia logo sôbre os Estados Unidos. Nós estamos muito distantes para ser as primeiras vitimas dos russos. Não seriamos fàcilmente subjugados. A Europa ocidental e a Inglaterra sofreriam primeiro. Isso nos deixa em um terrível dilema, e os não pacifistas acusam os pacifistas porque êstes não podem escapar às ambigüidades morais.

Êsse dilema impede que nossa politica seja feita em bases estritamente cristãs. O pacifismo não é uma estrategia política. Nenhuma nação jamais o adotou como estrategia, e tudo indica que nenhuma o adotará. As próprias igrejas cristãs não o recomendariam. O pacifismo ao tempo do grande poder dos Estados Unidos e da Inglaterra — no período entre as duas grandes guerras — não foi suficiente para evitar a segunda guerra. Se não era forte naquele tempo, é certo que não o é agora. A esperança de que um maior número de pacifistas poderá evitar uma guerra é insensata.

Um testemunho, não uma estrategia

O pacifismo é um testemunho, um valioso e necessário testemunho, mas não é uma estrategia. Se uma terceira guerra tiver que

ser evitada, não o será por causa dos pacifistas mas por causa dos não-pacifistas pacificadores. Dêsses há muitos e seus braços devem ser sustentados e fortalecidos. Até mesmo os nossos chefes militares não querem a guerra. Se êles seguirem uma política liberal, ainda que não cristã completamente, a guerra poderá ser evitada. Nesse sentido, basta a sabedoria dos gregos, mesmo que não invoquemos o amor, a mansidão e a compaixão de Cristo. Na verdade, a ética seguida pelas igrejas a respeito da guerra e da paz, desde Constantino, tem sido mais grega do que cristã. A ética da guerra tem sido a da guerra justa, idéia tomada por empréstimo dos gregos via Cícero; e a ética da paz tem sido fundada na crença estoica de que existe uma razão divina implantada no homem, e que o eleva acima do bruto, fazendo dêle um ser racional capaz de estabelecer a concórdia, a harmonia, a magnanimidade e a paz.

Há os que escarnecem êsse nobre ideal, pondo-lhe o rótulo de "utopismo". Alega-se que uma era de paz nunca existiu. E é verdade. Mas é verdade que tem havido períodos históricos mais humanos e pacíficos do que o nosso. Nos séculos 13, 15, e 18, por exemplo, a guerra era um esporte de gentelmen. Os exércitos levavam seus próprios suprimentos, e os generais tudo faziam para evitar batalhas e os estadistas não desprezavam as possibilidades de paz.

A melhor parte

Se nossos estadistas hoje procurassem estabelecer a paz, não permitindo que tal iniciativa fôsse deixada aos inimigos; se todos nos interessássemos pelo estabelecimento de um govêrno mundial; se ajudássemos os povos subdesenvolvidos mais do que temos feito; e se melhorássemos o padrão de vida moral do nosso país — se fizéssemos tudo isso, haveríamos de vencer os inimigos, não pela represália maciça mas pela reconciliação. Para tanto, não precisamos ser cristãos. Basta-nos a sabedoria dos gregos. Se apenas fôssemos bons pagãos haveríamos de sobreviver.

Mas voltemos ao cristianismo, e lembremo-nos de que sobreviver não é o principal objetivo do homem. O cristianismo tem sido chamado pelos seus críticos de o culto da morte. Certamente, êle não é o culto da vida a qualquer preço. Os realistas nos dizem que se não estivermos fortes ficaremos em posição desvantajosa. Sem dúvida. Quando foi que os escrupulosos não estive-

ram em posição desvantajosa em relação aos inescrupulosos?

Mas devem os escrupulosos tornar-se inescrupulosos só para sobreviver? Os antigos pagãos não teriam pensado que sim. Não foi Sócrates quem disse que é melhor sofrer a injustiça do que inflingi-la? Permitiremos que um pagão pratique as virtudes cristãs, que nos distinguem, enquanto nós invocamos a Cristo para justificar o aniquilamento nuclear?

N. da R. — Pedimos ao leitor que releia êsse artigo do grande escritor Bainton. O problema que êle aborda corajosamente, é de impressionante atualidade. Nunca, como hoje, a ética cristã foi desafiada a proferir seu veredito sôbre o problema da guerra e da paz. Teólogos e filósofos evangélicos limitam-se a tomar uma das duas clássicas posições: a realista ou a pacifista. Parece que Bainton começou a desvendar o mistério da posição cristã face ao problema. A posição idealista é, via de regra, ditada por um forte sentimentalismo. Seria a solução ideal. Ah! se os povos pudessem desarmar-se! Mas o problema é nosso, cristão só. Pagãos e ateus não o têm. Enquanto nós discutimos sôbre a possibilidade de estabelecer-se uma paz duradoura, os comunistas se preparam febrilmente para a conquista do mundo. Desde a última guerra que êles se vêm preparando. São hoje a mais terrível potência militar. Poderes destruidores nas mãos de assassinos, homens sem Deus, sem sentimento e dominados pela sede do poder. Não é fácil ser cristão, sobretudo numa época como a nossa. Mas é preciso ser cristão. A nosso ver, a questão mais difícil não está em saber-se se eu devo ou não usar a fôrça para defender-me. O aspecto gravíssimo dessa questão está em saber-se se eu devo cruzar os braços, esconder a face, enquanto o meu vizinho está sendo assaltado por facinoras que o querem roubar e matar. Pensamos que a ética cristã nos manda proteger e defender os fracos, os injustiçados e desprotegidos. Por outro lado, a corrida armamentista só conduz à guerra. Armas não servem para brincar. Que devemos fazer em face da agressão permanente dos comunistas? Êles estão usando a política da fôrça. Só podem usar essa política. Devemos ir cedendo, entregando países e povos ao seu domínio? Foi essa a política adotada com Hitler. E finalmente não pudemos evitar a guerra. Fomos obrigados a aceitá-la e em condições desfavoráveis. A situação com a ditadura comunista é a mesma. Ou melhor: é pior. Que devemos fazer?

Na verdade já estamos fazendo alguma coisa. Oramos, pregamos e mostramos ao mundo o plano de Deus. Mas é só? Ou devemos fazer nossa voz ouvida no plano da política internacional? Que tem o cristianismo que ver com êsses problemas? Nada?

O assunto está na ordem do dia. O mundo espera a palavra final dos discípulos de Jesus.

Nós afirmamos que Cristo é a única esperança do mundo. É preciso explicar isso ao povo e traduzir essa esperança em termos da política internacional. Aí está o problema para os que pensam: Convidamos os professores de ética, de filosofia, de teologia das nossas Faculdades de Teologia a opinarem sôbre êsse grave problema. É preciso coragem, reconhecemos. Mas é para uma hora como essa que nós somos cristãos.

PROPORÇÕES

Quão pobre, quão mesquinho é o objetivo
do pequeno disco de um foguete
Quando as alturas do céu podem ser escaladas
Pelas orações do homem!

Leslie S. Clark

——o0o——

SENSO DE JUSTIÇA

Um dos grandes adversários de Simão Bolivar era o comandante Rodil, defensor de Callao. Quando o general Salom irritou-se com a resistência tenaz daquele adversário e escreveu uma carta a Bolivar fazendo planos de represália contra Rodil, o libertador respondeu:

— O heroísmo não merece castigo. Quanto não haveríamos de aplaudir Rodil se êle estivesse ao nosso lado. É a generosidade que fica bem ao vencedor. (*Wolfram Dietrich* — "Simão Bolivar", pág. 199).

——o0o——

RIDÍCULA E PERIGOSA

O escritor Akeley conta que um rapaz depois de ter visto o companheiro devorado por um crocodilo insistiu em nadar no rio em que se dera tal desastre. Akeley criticou severamente o procedimento do rapaz que representava uma loucura. O jovem não mostrou nenhum ressentimento e permanecia sorridente ouvindo a censura. Para explicar sua suposta segurança mostrou orgulhosamente um dos seus feitiches: era um pequenino chifre de antílope que o feiticeiro da tribo lhe dera. Calmamente o môço afirmou que conduzindo aquêle objeto sagrado nenhum crocodilo ousaria feri-lo.

Infelizmente não é êsse o único caso em que a crença do homem se firma em pura ignorância. (*Ligon* — The Psychology of Christian Personality", pág. 249).

FACETAS DA VIDA

O PODER DA REFLEXÃO

Outro dia alguns homens de alta representação na República se mimosearam com uma troca de correspondência vasada no estilo mais violento e em termos os mais ofensivos possíveis. Num caso, eram adversários políticos, noutro eram correligionários.

É necessário muito domínio próprio, quando temos de rebater qualquer ofensa, ou encarar uma crítica mais ou menos rigorosa que nos façam. A sabedoria antiga manda contar até dez, antes de tomarmos uma atitude qualquer. Talvez fôsse melhor contar até cem, conforme o nosso temperamento. O que é certo é que teremos sempre de lamentar um ato nosso intempestivo, como o emprêgo de expressões que atingem, às vêzes, não sòmente ao ofensor, como a terceiros.

Uma retratação, se bem seja sempre uma ação nobre, não deixa de ser profundamente desagradável a quem tenha de fazê-la, movido pelo sentimento de justiça ou pelo arrependimento.

Entretanto Jesus recomenda: "Se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra tí, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te com teu irmão, primeiro, depois vem e apresenta a tua oferta". E o Mestre prossegue fazendo sentir as conseqüências profundas e extensas de uma desinteligência.

Acontece, porém, que todos somos muito irrefletidos. Todos se

julgam capazes de opinar com grande rapidez, e é assim que ouvimos os mais apressados juízos emitidos por quem não tem muita autoridade para expô-los.

Em face dos mais intrincados problemas, o homem da rua, como o homem letrado, o técnico, como o leigo em qualquer assunto, em terreno seu próprio ou em especialidade de outros, todos opinam com liberdade, com firmeza e com intransigência, como se dissessem a última palavra. Geralmente quanto mais competente o individuo, mais cuidadoso e tímido é êle, em face de um problema.

O Brasil defronta crises graves no terreno político, econômico e moral. Os governantes precisam ser firmes e cuidadosos nas resoluções a tomar, porque naturalmente se vêm aturdidos em meio do desencontro de opiniões refletidas na imprensa e nos demais meios de comunicação. Também os governados necessitam ser tolerantes e pacientes, a fim de não provocarem medidas inconvenientes e desastrosas. De parte a parte, mais reflexão.

Precisamos de mais cooperação, do que de opiniões, lembrando-nos sempre de que o "sapateiro não deve ir além do sapato"...

UMA BOA CONSCIÊNCIA

Boa por que? Poderá haver uma consciência má? S. Paulo diz que, enquanto perseguidor, agiu em boa-consciência. Quer isto dizer que o órgão mais delicado que Deus nos deu, para o fim de regular as nossas ações morais, pode funcionar de modo errado, levando-nos a agir com impetuosidade, com paixão e calor num rumo contrário à vontade de Deus.

A consciência, contudo, ainda é a voz de Deus falando no intimo do nosso ser. Não é ela apenas o resultado de nossa experiência, nem da experiência da raça, embora as conquistas do passado e o exemplo dos nossos maiores tenham grande papel na nossa conduta moral, na nossa integridade e na sabedoria com que resolvamos os problemas que defrontamos. Na realidade existe um terreno franco, em que podemos andar, porque as velhas gerações já passaram por êle e nos deixaram as marcas de sua passagem. Entretanto, isto não é garantia de uma conduta certa. Teremos nós mesmos de avaliar, de julgar, de refletir e de resolver à vista de uma boa consciência, isto é, da certeza de estarmos preferindo o certo ao errado.

A consciência prejudicada pelo pecado, como tôdas as outras faculdades da nossa mente, é imperfeita e está sujeita a muitos enganos. Todavia é ela o poder supremo, apesar de falível. É suprema no terreno que lhe é próprio e, se a desprezarmos, não temos outro tribunal a que apelar. Por isso dizia Lutero tremendo diante dela e dos seus inimigos: "Não é coisa justa ir contra a consciência". E não foi. Como Lutero, todos os homens tementes a Deus resistem em favor de uma consciência informada pelo Espírito Santo. O crente tem esta vantagem sôbre os demais: êle tem a corroboração do Espírito que fala no seu íntimo.

O fato de haver opiniões divergentes, procedimento condenável sob a alegação de "uma boa consciência", nem denega a existência de tão poderoso órgão, nem justifica os atos criminosos e errados. É dever de todos buscar melhores luzes, examinar cuidadosamente os contrários, meditar e refletir à vista das situações, e só agir tranqüilamente quando estiverem convencidos da verdade.

Felizmente há um mundo de questões pacíficas, de fatos já comprovados, de assuntos já resolvidos, os quais nem exigem reflexão para que andemos bem.

Infelizmente muita gente pratica o erro, não porque ignore a verdade, mas porque não ama a verdade.

——oOo——

POTÊNCIA DO CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO

O cristianismo encontra-se, atualmente, no ponto máximo de sua ação nas relações humanas, em que pesem as condições de secularismo ateu que prevalecem no Oriente. Se é certo que se pode admitir que o mundo se encontra agora em uma espécie de "era post-cristã", também é certo que "estamos vivendo agora um dos momentos mais grandiosos da igreja cristã", pois: 1) O cristianismo acha-se espalhado geogràficamente mais do que nunca, e mais do que qualquer outra religião no mundo; 2) O cristianismo enraizou-se profundamente entre maior número de povos do que nunca; 3) Os cristãos tendem mais e mais a unir-se; 4) A influência de Cristo se estende cada dia mais para além dos limites das igrejas, e se faz sentir com uma fôrça sem paralelo na história.

Assim se expressou Kenneth Scott Latourette, da Yale University, considerado o mais destacado historiador eclesiástico do mundo atual.

LUTAS
DA ALMA CRENTE

Odayr Olivetti

Dois jovens cristãos,
fiéis ermitãos,
viviam no êrmo
fugindo do Inferno.

Um dia, tentados,
se vão, fracassados,
em ânsia real
por gôzo carnal.

A noite dedicam
a coisas que indicam
impura fraqueza,
profunda baixeza!

Regressam depois,
tristonhos os dois,
sentindo a amargura
da amarga aventura.

Um dêles medita:
"Eu, um erêmita,
que santo me julgo,
misturo-me ao vulgo?!

Que seja eu igual
a todo mortal
é revelação
que mata a ilusão!

Horrível tristeza
me tira a beleza
da vida cristã,
tão pura, tão sã!

Vergonha mortal
me traz êste mal.
Não há evitá-lo,
não há remediá-lo!

Já tinha vitórias,
já tinha tais glórias,
acima de tantos
mui célebres santos!

Não sei o que faço
com êste fracasso!
Voltar para a érmida?!
Tão fraco erêmita?!

Se a luta vai ser
eterno sofrer,
caindo-me e erguendo,
mau ganho estou
[vendo!"

o move a reverso:
Impulso perverso
"Adeus meu rapaz,
meu alvo está atrás."

E foi para a aldeia,
sua alma bem cheia
de tristes pecados
agora afagados!

Tudo isso, porém,
o outro também,
melhor inda, via,
pensava e sentia.

Mas não se deteve
a ver onde esteve,
lembrando o mau
passo,
chorando o fracasso.

Pensando em Deus, Pai,
a Êle se vai
contar sua aflição
em muda oração:

"Ó Pai, eis-me aqui,
pequei contra Ti,
indigno sou eu
de ser filho Teu!

Em Cristo fiado,
a Ti venho, ousado,
orar-Te, Senhor,
rogar Teu amor.

Minha alma fenece,
Senhor, me conheces.
Ó Deus, me abençoa!
Ó Deus, me perdoa!

Ajuda-me, ó Deus,
a andar para os Céus,
ajuda-me a amar-Te
sem nunca olvidar-Te!"

A Graça operou,
a paz lhe voltou,
e todo contente
marchou para a frente!

E pôs-se a cantar,
alegre a louvar
a graça e o amor
do seu Redentor.

Ó tu que vacilas,
ó tu que inda oscilas
na treva e na luz,
não longe da Cruz,

Se queres poder,
se queres vencer,
humilha-te e vem,
Jesus te quer bem!

Pôrto Alegre, 24-9-58.

——oOo——

A DÔR

De tôdas as experiências humanas, a dôr física é, enquanto dura, a mais absorvente; é a única experiência humana que, quando chega ao fim, automàticamente confere uma forma real, embora talvez não muito alta, de bem-estar. É também a única experiência, do lado de cá da morte, solitária por sua natureza. Mas o mais estranho da dôr é que, apesar de sua incomparável fôrça, sôbre a mente e o corpo, quando passa não podemos lembrar-nos dela realmente. O amor, o ódio e o mêdo, a fome e a sede, o triunfo e a derrota — tudo isso podemos, até certo ponto, reviver. Mas a dôr, mais viva e mais irresistível na hora do que qualquer dêles, não deixa para trás nada de sua realidade; lembramos o cenário — o quarto ou a tenda, um rosto, um cheiro ou um ruído — mas esquecemos a peça e o duro papel que nela representamos. *Peter Fleming*

ESTUDO BÍBLICO

NÃO PERMITA DEUS

por W. Gordon Robinson

Há uma fórmula característica "Não permita Deus!" que ocorre quinze vêzes no Novo Testamento, das quais catorze vêzes nas epístolas de Paulo. É usada em cada ocasião para negar com fôrça e indignadamente (até mesmo com horror) as deduções de uma pergunta que acaba de ser feita ou de alguma cousa que se acaba de dizer. Realmente, "Não permita Deus!" não é bem a tradução do original grego; é antes uma paráfrase. As palavras originais significam simplesmente "Possa isto não ser assim!"; "Não permita Deus" tenciona transmitir-nos a fôrça e a indignação que faltariam na tradução literal. Alguns tradutores modernos vertem assim: "Nunca!" "Nem por um momento!" "De modo nenhum!" "Certamente não!" "Naturalmente não!" e ainda "Absolutamente nada disto!" e "Que horrível pensamento!"

A única ocasião em que a frase é usada fora das epístolas paulinas encontra-se em Lucas 20:16. Estava Jesus ensinando a parábola dos lavradores máus e perguntava o que faria o senhor da vinha aos lavradores que haviam maltratado seus servos e assassinado o seu filho bem-amado. "Virá e os destruirá e dará a vinha a outros", disse o Mestre. Os seus ouvintes, horrorizados com a dedução de que Deus hostilizaria aqueles que se rebelaram contra êle e retiraria de Israel o seu favor, replicaram: "Não permita Deus!" Ora pois, essa frase é tão típica de Paulo, e de Paulo sòmente, que tem sido sugerido que Paulo estava presente, entre a multidão, quando essas palavras foram pronunciadas, e que foi a sua reação que Lucas registrou.

Paulo usa o seu "Não permita Deus" dez vêzes em Romanos, uma vez em 1 Coríntios, e três

vêzes em Gálatas. É significativo que estas três cartas foram escritas sob pressão e em defesa própria e do seu Evangelho. A fôrça e o horror indignado de Paulo, nessa frase, surgem do fato de que êle ressente e refuta tudo o que desafia a sua certeza fundamental. Era a certeza do amor de Deus, livre, imerecido, não ganho pelo trabalho, generosa e graciosamente derramado sôbre os homens. Porque Deus recomenda seu próprio amor para conosco em que, enquanto éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós (Romanos 5:8); porque não poupou seu próprio filho, mas entregou-o por todos nós (Rom. 8:32); e porque o Filho de Deus nos amou e se deu por nós (Gál. 2:20), Paulo violentamente repudia qualquer sugestão que pareça opôr-se a essa estupenda verdade. Rejeita com indignado horror qualquer declaração que pareça negar tal cousa. Reparem nos quatorze usos que Paulo faz de "Não permita Deus!", refutando falsas conseqüências.

Mas a que vem a lei?

A convicção de Paulo a respeito da livre graça de Deus não deixava de ser uma descoberta assustadora para quem, como êle, tinha sido nutrido na Lei judáica com a sua assertiva de que pela observação da Lei, e sòmente dêsse modo, podia alguém ser "justificado" perante Deus. Antes de sua conversão na estrada de Damasco, Paulo tinha sido zeloso em obedecer à Lei e dêsse modo glorificar a Deus (Gál. 1:13, 14; Filip. 3:4-7). Já agora êle via que "justificação" ou retidão diante de Deus não podia ser ganha. Era livre dádiva de Deus, de que o homem se apropria pela fé (Romanos 3:19-22). Tal conceito vinha determinar-lhe algumas difíceis questões sôbre a Lei. "Anulamos pois a lei pela fé?" (Rom. 3:31). É a Lei pecado, agora que os cristãos estão libertos das exigências de sua obediência? (Rom. 7:7). É morte, de vez que a Lei mostra que a punição do pecado é a morte do pecador e, ao mesmo tempo, ela é impotente para resguardar do pecado o homem? (Rom. 7:13). É a lei contrária às promessas de Deus originàriamente feitas a Abraão quatrocentos e trinta anos antes que a Lei fôsse escrita? (Gál. 3:17). A estas quatro desanimadoras perguntas Paulo responde em cada caso "Não permita Deus." A Lei é boa e é parte dos bons planos de Deus para os seus filhos. Ela indica a maldade do pecado, trazendo aos homens a convicção dêsse fato. "A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom" (Rom. 7:12).

Contudo, por si mesma, ela é não apenas impotente para salvar do pecado; ela na realidade provoca o pecado, de modo que "o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço" (Rom. 7:15). "A Graça é algo maior que a Lei" e, dêsse modo, "onde o pecado abundou, superabundou a graça" (Rom. 5:20).

Para que tanto mais abunde a graça, continuaremos a viver em pecado?

Se a graça aflúe em proporção da grandeza do pecado, então porque não pecarmos ainda mais fortemente para assim recebermos ainda maior graça de Deus? Aí temos uma pergunta aparentemente lógica a qual Paulo repele com o seu "Não permita Deus!" "Vamos pecar até mais não poder", pergunta êle, "para vermos até aonde podemos explorar a graça de Deus? Que pensamento pavoroso!" (Rom. 6:2 na tradução de J. B. Phillip). Mas essa tentação se repete para os cristãos. Paulo a enfrenta de novo e responde de igual modo mais adiante no mesmo capítulo. "Pecaremos porque não estamos debaixo da lei mas debaixo da graça?" "Não permita Deus!" (Rom. 6:15). E de novo êle refuta tal cousa em Gálatas 2:17 ("É Cristo ministro do pecado?"), e novamente em I Cor. 6:15, onde êle se mostra atônito diante da conclusão de que, sendo a graça de Deus tão sem limites, a imoralidade não prejudica. "Não permita Deus!" diz êle outra vez. A verdade é que nós, que morremos para o pecado, (na morte de Cristo e o que isto custou a Deus!) não podemos mais viver nêle (Rom. 6:2).

Podem-se frustrar os planos de Deus?

Entretanto, o problema do povo escolhido de Deus continua ainda a obsedar a Paulo, êle tão orgulhoso de ser judeu. Deus chamou a Israel, fêz-lhe as suas promessas, confiou-lhe a sua revelação, e contudo esta nação falhou por completo em responder com a fé à graciosa dádiva de Cristo. "A incredulidade anula a fidelidade de Deus?" (Rom. 3:3). "Rejeitou Deus o seu povo?" (Rom. 11:1). Paulo responde, como sempre, "Não permita Deus!" Os capítulos 9 a 11 de Romanos constituem de fato uma profunda tentativa para apreender e chegar a um acôrdo neste doloroso problema da rejeição dos judeus. Deus permanece fiel mesmo quando todos sejam incrédulos (Rom. 3:3-4).

É Deus injusto?

"É Deus injusto, trazendo ira sôbre nós?" (Rom. 3:6). "Há injustiça da parte de Deus (escolhendo onde e a quem êle quer)? (Romanos 9:14). "Porventura tropeçaram para que caissem (isto é, cegou-os Deus para provocar-lhes a queda?" (Rom. 11:11). Paulo refuta de novo o argumento com o "Não permita Deus" a cada uma destas três questões. Êle inicia com o tema original do amor, bondoso e livre de Deus, que é grande além da mera justiça e maior do que o pecado e o desespero. Êle segura-se bem aí.

Finalmente, os demais usos que Paulo faz dessa frase ilustram os exemplos anteriores. "Não permita Deus que eu me glorie a não ser na cruz de Cristo" (Gál. 6:14). Exclue-se a vanglória (cf. Rom. 3-27); vence-se o pecado; oferece-se a plenitude da vida; assegura-se a "justificação" e o recôbro das justas relações com Deus. E tudo isto acontece, não mediante o que podemos fazer, mas tão sòmente mediante o que Deus tem feito.

(THE CHRISTIAN WORLD, trad. de O. A.)

INSTITUIÇÃO VITORIOSA

A Escola Dominical, grande instituição de caráter puramente religioso estende-se, presentemente, por todo o mundo e sua matricula eleva-se a cerca de 40.000.000. No Brasil, onde a 19 de agôsto de 1855, ela nascia com apenas 5 crianças, na cidade de Petrópolis já conta com um rol de mais de 700.000 alunos, de ambos os sexos e de tôdas as idades — crianças, moços e adultos. Demonstra-se o crescimento da Escola Dominical em nossa Pátria por êsses ligeiros dados: 5 alunos em 1855; 72.000, em 1922; 200.000, em 1944; 380.000, em 1950; 627.429 em 1955. Entre os anos de 1950 e 1955 o crescimento anual em média, é de 49.485. Seguindo-se o mesmo rítmo podemos dar para 1957 o total de 726.400 matriculados. Nasceu em 1780, na Inglaterra a Escola Dominical, entre crianças e adolescentes, por iniciativa, e operosidade do jornalista Robert Raikes. Em menos de dois séculos espalhou-se pelo mundo inteiro, atingiu aos milhões! Consolidou-se notadamente nos países mais cultos, em cujo destino e formação moral influiu sobremaneira.

AS GORDAS

E AS MAGRAS.....

Não se trata de regime para emagrecer. A referência é às espigas e às vacas. Ambas aparecem no sonho do faraó do Egito, que José foi chamado a interpretar:

> "E aconteceu, que ao fim de dois anos inteiros, Faraó sonhou e eis que subiam do rio sete vacas formosas à vista e gordas de carne, e pastavam no prado. E eis que subiam do rio após elas outras sete vacas, feias à vista e magras de carne; e paravam junto às outras vacas na praia do rio. E as vacas feias à vista, e magrgas de carne, comiam as sete vacas formosas à vista e gordas. Então acordou Faraó. Depois dormiu e sonhou outra vez, e eis que brotavam dum mesmo pé sete espigas cheias e boas, e eis que sete espigas miudas, queimadas do vento oriental, brotavam após elas. E as espigas miudas devoraram as sete espigas grandes e cheias. Então acordou Faraó, e eis que era um sonho" Gên. 41:1-8.

As vacas magras devoraram as gordas e as espigas raquíticas consumiram as viçosas. Na interpretação de José, os dois sonhos significavam sete anos de fartura, seguidos de sete anos de miséria.

Quer sejam sete, dois, três ou vinte, o fato é que na vida de quase todos nós, períodos de miséria sucedem anos de abundância, a pobreza devora a riqueza, as fôrças negativas da oposição contínua acabam por aniquilar o vigor creativo, o sonho, o idealismo. Quem não conhece, entre os de suas próprias relações, o médico que depois de penosos anos de trabalho foi delicadamente convidado a se retirar da administração do hospital porque suas idéias não se enquadravam dentro dos moldes gerais, e acabou procurando acomo-

dar-se a um emprêgo público, de pura rotina; a professôra que vinha lutando vigorosamente pela implantação de um regime construtivo na escolinha perdida no fim do mundo, e por fim tentou convencer-se de que é melhor cair na rotina para evitar amolação; o ministro que acreditava ter nascido para pastor que por anos alimentou o rebanho do Mestre mas cujas exasperantes manobras de conselhos, de juntas e de donos de igreja levaram a considerar o ministério como ganha-pão?

Tudo ia bem durante os primeiros anos de luta. A despeito das dificuldades, vitórias sucederam vitórias. Os desentendimentos, a estreiteza de vistas, as mesquinharias alheias causaram a reviravolta. Depois do conflito a aparente derrota, o desânimo, a descrença em si mesmo, no triunfo de uma causa incompreendida, a dúvida de que há mesmo um Deus interessado nisso tudo e a seguir a rotina, o "pouco importa", e às vêzes até mesmo o cinismo. As vacas magras enguliram as gordas e a pasmaceira continua se esforçando por tomar conta daquilo que um dia foi um espírito idealista e lutador. No sonho, a devoração foi completa, mas na vida há um outro elemento a ser considerado: vacas magras não podem engulir as gordas. Não faz sentido lógico ou biológico. Espigas raquíticas não absorvem o vigor das viçosas para continuarem franzinas. O processo é inevitável.

Os anos de magreza vêm mesmo. Mas, como no caso da providência do Faraó, que acumulou durante a fartura para os anos de miséria, os anos de vitória constituem suficientes reservas de confiança no valor de um ideal para a travessia acidentada dos anos de inatividade.

É a mesma providência que determina uns e outros. Para os que confiam em Deus, as próprias forças indiscutìvelmente diabólicas que os cercam não podem atingir ninguém sem o consentimento do Pai. E quando tal acontece, o propósito é divino. Como no caso de certos selvagens que sugam o sangue dos inimigos para se apossarem de sua fôrça, tôda a perversidade alheia que toca a criatura, com o consentimento divino, destina-se a ser absorvida, não como elemento destrutivo, mas em forma de poder inalculável. O processo só pode resultar em vitórias para aquêles que crêem, que sonham e aspiram uma vida melhor para os seus semelhantes. Os anos angustiados que se seguem às vitórias, nutrem-se da essência dos primeiros, gravam na alma uma experiência indelével de confiança e paz, que não se troca por nada nesta vida.

As energias se restauram e novas forças, das quais não se tinha consciência, entram em função. Uma nova etapa se inicia, com novos conceitos de valor, de triunfo, de sucesso, e mesmo de fracasso.

——::-::——

Foram os sete anos de fome, as sete vacas magras, as sete espigas franzinas que levaram ao Egito os filhos de Israel, no cumprimento do pacto de Deus com Abraão. Foram as mesmas sete vacas magras e as mesmas sete espigas raquíticas que elevaram José a provedor mor do reino e que salvaram os escolhidos de Deus da morte pela fome.

Os anos de miséria são anos de reconsideração, de descanso, de reabastecimento, para a nova avançada no caminho, que esta para as primeiras vitórias da vida, na mesma proporção que esteve o Egito quase desconhecido de antes dos anos de miséria para a posição de abastecedor universal que adquiriu depois da fome. Os dolorosos sete anos de penúria não são os últimos da vida, nem são intermináveis.

Maria Amélia Rizzo
Jacksonville — Flórida

HISTÓRIA GERAL DA BÍBLIA — Comentário
Galdino Moreira — Broch. Cr$ 250,00
e
Jorge Lyra — Enc. Fina Cr$ 350,00

É a obra mais importante para dar uma visão geral da Bíblia: Do Gênesis ao Apocalipse.

NO PRELO

CATOLICISMO ROMANO
Autor: Jorge Lyra
Prefácio: Galdino Moreira

Réplica ao livro "Aos Irmãos Separados" do professor Eurípedes Cardoso de Menezes.

Pedidos ao Autor.
Rua Gal. Andrade Neves, 51 — NITERÓI — Tel. 27-637

À MARGEM DA HISTÓRIA

SOM DE RELÓGIO

Existe na Catedral de São Paulo, em Londres, um grande e majestoso relógio. Ao meio dia, quando é grande o barulho do trabalho, quando as carruagens, os ônibus e os automóveis caminham pelas ruas com o seu estridor característico, muitas pessoas nunca puderam ouvir as badaladas dêsse relógio a não ser que permanecessem muito próximas dela.

Mas, quando cessa o ruído das máquinas e termina o barulho do trabalho — quando os homens se preparam para dormir e o silêncio reina em Londres — então às doze, à uma, às duas, às três, podem as pancadas dêsse relógio ser ouvidas a milhas de distância.

Doze! Uma! Duas! Três!

Como êste relógio é ouvido por muitas pessoas em noites de insônia!

— Êste relógio se assemelha à consciência do homem impenitente. Enquanto êle tem saúde e vigor, e luta entre o turbilhão do trabalho e dos prazeres do mundo buscando as pérolas de pequeno valor, êle não ouve a voz da consciência — as vozes do mundo soam com grande entusiasmo, sufocando-a.

— Tempo virá, porém, quando as desilusões pesarem sôbre o seu espírito, quando deve retirar-se do mundo, quando repousa sôbre o seu leito de dôr e olha a morte bem na face — então, o relógio da consciência, êste solene relógio, soará em seus ouvidos com clareza, e se êle não se arrepender, trará para a sua alma mais miséria e mais infelicidade.

Assim como o maestro distingue os sons variados dentro da melodia que ouve, saibamos distinguir o timbre dêsse característico som do correto relógio, solene relógio da consciência. E é de homens que saibam ouvir essa voz que o mundo hoje mais do que nunca necessita!

MORAL E ARTE

Quase no fim do século XVIII o pintor inglês Jorge Romney, grangeou retumbante fama como retratista. A famosa Lady Hamilton é que lhe serviu de modêlo para vários quadros que não primam pela decência. Entre êsses figuram: Casandra, a bacante; Circe; Sensibilidade e outros. O modêlo que êle escolheu para todos êles impressionava pela beleza.

Depois de adquirir fama e fortuna, Romney abandonou a mulher na província. Durante trinta anos, entre os aplausos da multidão esqueceu-se de que era casado. No fim, tornou-se gravemente enfêrmo e voltou a procurar a espôsa que êle havia tratado com tanta indignidade. Ela não era uma artista, não podia servir de modêlo, não tinha grande cultura mas recebeu o marido infiel e tratou dêle carinhosamente até que aquela vida gasta em prazeres ilícitos se extinguiu. Um grande crítico de arte Fitz Gerald, comentou o fato assim: "A ação daquela mulher tem mais belezas do que tôdas as pinturas deixadas pelo seu ingrato espôso".

Há no bem uma fôrça e um prestígio inextinguíveis. Pode haver momentos em que pareça que êle não tem prestígio, mas correm os anos e as gerações que passam vão sempre reconhecendo o valor imperecível das boas ações.

CIVILIZAÇÃO E RELIGIÃO

O historiador Toynbee, o maior de todos os historiadores do século vinte, disse que nos últimos 6.000 anos apareceram 21 civilizações, e que tôdas elas desapareceram quando o dinheiro, os prazeres e a acumulação de bens materiais excluiram a religião e as coisas espirituais da vida do povo. Uma civilização secularizada, em que não há lugar para Deus, está fatalmente condenada.

IMPULSOS PARA O BEM

A tentativa honesta de explicar certos fatos da personalidade humana obriga, muitas vêzes, certos psicólogos confessadamente agnósticos a assumirem atitudes que parecem de cristãos.

Eis um exemplo. As palavras que se seguem foram escritas por Jules Payot. Representam elas diretrizes espirituais muito di-

ferentes daquelas que os cristãos exemplificam. No entanto, chegou a escrever isto: "Se, durante um passeio, durante uma leitura, se levanta na consciência um remorso... se nos sentimos tocados da graça, se constatamos um bom movimento, é necessário aproveitá-lo imediatamente. Não devemos, pois, nunca imitar aqueles que, na sexta-feira de manhã, deliberam heròicamente que, a partir de segunda-feira, se hão-de agarrar ao trabalho: se o não fizeram imediatamente, a sua pretensa resolução não passa de uma mentira para consigo mesmos, de uma impotente veleidade. *Como diz Leibnitz* devemos aproveitar os nossos bons movimentos, "como a voz de Deus que nos chama". Desperdiçar êsses bons movimentos, enganá-los, adiando a sua execução para outro dia; não os aproveitar imediatamente para criar bons hábitos e obrigar a alma a saborear as alegrias viris do trabalho, de maneira a conservar-lhe o sabor, é o maior crime que se pode fazer contra a educação da energia".

O que êsse psicólogo recomenda como recurso para educar a vontade é alguma coisa semelhante ao que o apóstolo São Paulo ensinou quando disse: "Não extingais o espírito". É que para êle todos êsses impulsos bons que nascem na alma são manifestações do Espírito Divino. Obedecê-los é entrar em comunhão com o Infinito. Todos quantos põem em prática êsse preceito, entram em experiências radiosas da vida. Se o nosso ouvinte sente impulsos para praticar êste ou aquêle bem, não os despreze e verá logo como é sábia essa atitude.

PROVAÇÕES

Sendo a resistência do ar o único obstáculo que o pombo encontra no seu vôo, se não encontrasse ar no seu caminho, êle poderia voar com maior rapidez e comodidade. Todavia, se lhe tirassemos o ar e a ave tivesse de voar no vácuo, cairia por terra instantâneamente, incapaz de poder bater as azas. Daqui se deduz que o mesmo elemento que contraria o vôo da ave é condição indispensável para que ela possa voar em tôdas as direções.

O que a resistência do ar representa para o vôo, as provações da vida representam para o caráter. Um mundo absolutamente sem lutas seria fatal para a formação de um caráter íntegro.

ERROS

O homem custa muito a reconhecer os que pratica. Exemplo. Em Santa Helena, Napoleão, escreveu uma narrativa da campanha de Waterloo, que termina com um catálogo dos dez maiores erros cometidos pelos comandantes aliados. Por essa enumeração parece que, durante aquela batalha, Napoleão não cometeu êrro algum: só lhe faltou ganhar a vitória. E o leitor conclui, muito lògicamente, que ela pendeu para os aliados por meio de graves violações das leis de guerra cometidas por êles! Não é só Napoleão que tenta explicar assim tão desastradamente as suas derrotas!

OS SENTIDOS

A biografia de Helena Keller que, como se sabe, era cega e surda, exemplifica maravilhosamente como os outros sentidos que lhe restavam tentam suprir a falta dos que estavam inutilizados pela moléstia que a acometeu nos primeiros anos de vida.

Ela conhecia os amigos pelo apêrto da mão, distinguindo perfeitamente uns dos outros. Referia-se à vibração dos corpos sólidos. Embora fôsse completamente surda, maravilhou-se achando-se dentro da Igreja de S. Bartolomeu, quando o órgão começou a tocar. E ela estava longe do instrumento. Guiava-se pelo que dizia ser o perfume das casas, distinguindo entre outras a sua própria. Fala muitas vêzes na beleza das flôres que ela só percebia pelo tacto.

Uma vez, na Escola de Belas Artes de Boston, pôs-se a examinar um baixo relevo que representava um grupo de dansarinas e perguntou: "Onde estão os músicos?" Descobriu, depois que tôdas as dansarinas estavam cantando, menos uma. De fato, a gravura a representava com os lábios fechados.

Para ela, há uma memória tactil: lembra-se de impressões que a mão de diversas pessoas deixaram na palma de sua própria mão.

O Ensino da Religião

Normalmente é nos lares e nos templos que o ensino da religião revela tôda a sua eficiência. Os cristãos dos primeiros tempos fizeram de seus lares verdadeiros templos de adoração e conhecimento de Deus. Construiram êles um patrimônio moral e espiritual de repercussões muito claras e positivas. Os templos também primavam pela nota de real espiritualidade. Os cultos eram atos simples de fé e sinceridade diante de Deus. Mas, como tudo o que é bom, o ensino da religião degenerou e perdeu seu lugar. Hoje poucos lares transmitem às novas gerações o temor e o conhecimento de Deus. Os próprios templos nem sempre representam bem sua função. Daí a necessidade de levar o ensino da religião, em seus elementos fundamentais, a tôdas as partes. O ICR tem desenvolvido uma grande atividade nesse sentido especialmente junto às escolas públicas.

Nas páginas a seguir oferecemos aos leitores, para estímulo, alguns exemplos fotográficos da grande obra que está realizando em Santa Catarina o Rev. Eny Luz de Moura. Desde o ano passado que êsse eficiente e consagrado Ministro vem desenvolvendo intensa atividade nesse sentido. Agora seu trabalho tem o patrocínio da Confederação Evangélica do Brasil. Sua influência pessoal, e o ensino do cristianismo que ministra, têm produzido notáveis resultados. Suas reuniões gerais de culto são assistidas por 350 militares e às vêzes mais.

Pedimos as simpatias e orações dos leitores em favor dêsse trabalho.

Aspectos do trabalho de Capelania Evangélica na Escola de Aprendizes Marinheiros sediada no Estreito, Florianópolis — St.ª Catarina. Rev. Eny Luz de Moura, capelão

CLASSE DE ENSINO RELIGIOSO EVANGÉLICO — Grupo Escola "Irineu Bornhausen" — Estreito, Florianópolis — Santa Catarina. Prof. Eny Luz de Moura, ministro presbiteriano

Aspectos do trabalho de Capelania Evangélica na Escola de Aprendizes Marinheiros sediada no Estreito, Florianópolis — St.ª Catarina. Rev. Eny Luz de Moura, capelão

CLASSE DE ENSINO RELIGIOSO EVANGÉLICO — Grupo Escola "Irineu Bornhausen" — Estreito, Florianópolis — Santa Catarina. Prof. Eny Luz de Moura, ministro presbiteriano

Mentalidade Selvagem

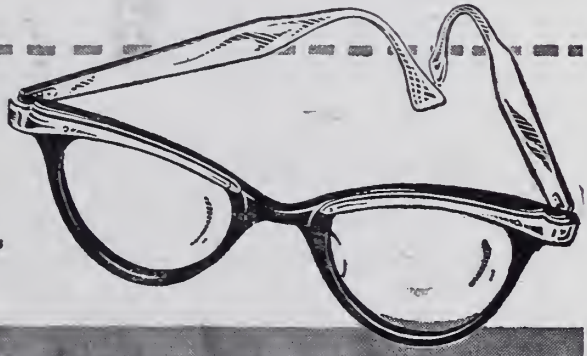
Nas viagens que o famoso Alexandre Von Humboldt fêz, observou êle coisas curiosas. Henry Thomas referindo-se a uma excursão do cientista ao Rio Negro afirma que êle "encontrou um monge cristão com as pernas de tal maneira cobertas de picadas de insetos que era impossível determinar a côr primitiva da pele. Êsse homem de Deus narrou histórias nauseantes sôbre os povos vizinhos ,cuja dieta onívora abarcava, não só os insetos, mas até a carne humana. Pouco antes da chegada de Humboldt, o chefe da tribo engordara sua mulher e assara-a para um banquete público". Um dos tripulantes indígenas da canoa de Humboldt, que parecia muito pacífico, declarou que também êle era canibal e que o manjar mais delicado para êle eram as palmas das mãos humanas. Êsse homem foi imediatamente dispensado pois não valia a pena viajar com uma pessoa dêsse tipo.

Henry Thomas, autor a que nos estamos reportando continua suas narrativas nestes têrmos: "E uma das suas experiências mais horripilantes foi uma visita aos Otomacs, tribo entre as mais selvagens existentes nessa região habitada pelos "Filhos do Diabo". Êsses homens embriagavam-se com um pó violento. Aspiravam-no pelo nariz com uma forquilha de pássaro e lançavam-se às batalhas espirrando, tomados de fúria combativa. Quando não estavam em guerra com outras tribos, voltavam a sua fúria para a matança mútua dentro da própria tribo. Raramente se valiam de golpes para matar. Limitavam-se a embeber as unhas em veneno e dar "ferroadas" nas vítimas."

São essas apenas algumas amostras do que foi a mentalidade pagã. Ainda hoje, nas regiões em que foi a mentalidade pagã. Ainda hoje, nas regiões em que o evangelho não é conhecido, praticam-se crimes horripilantes sem que a consciência coletiva levante protestos.

Um modêlo de óculos especial para seu rosto!

A ÓTICA GARCIA está tècnicamente aparelhada para lhe proporcionar o máximo confôrto. Apresentando sempre os mais modernos modelos de armações e com oficina própria para o preparo de lentes, ela pode realmente oferecer o melhor serviço a preços sem concorrência.



Confie-nos a execução de sua receita de óculos

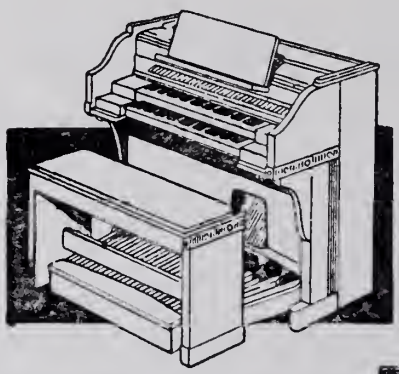
ÓTICA GARCIA

PRECISÃO · RAPIDEZ · PERFEIÇÃO

Rua São Bento, 484 - Telefone 33-1377 - São Paulo

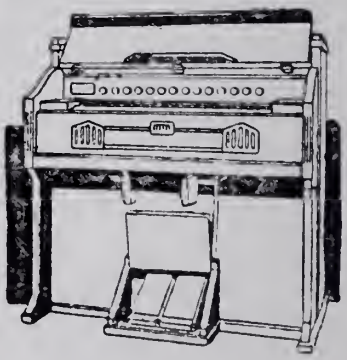
VENHA CONHECER NOSSA NOVA SEÇÃO DE JÓIAS E BIJUTERIA

HARMONIUNS, ORGÃOS



de Tubos
e
Eletrônicos
para
IGREJAS
ESCOLAS
LARES

Venha escolher entre 20 modelos diferentes, o de sua preferência e estamos certos de que suas qualidades satisfarão aos mais exigentes. E quanto a preços – são os mais atrativos para qualquer bolsa.



ASSAI ☆ BOHN ☆ PETROF ☆ HAMMOND

quatro marcas que atingiram o pináculo em sua especialidade.

ESCREVA-NOS AINDA HOJE SOLICITANDO CATALOGOS

MUSICAS E INSTRUMENTAIS

CASA **Manon** S A

R. 24 DE MAIO, 242 ★ C. POSTAL 568 ★ S. PAULO

Para Você

RESERVE AGORA O SEU

EXEMPLAR DO LIVRO

JESUS CRISTO

MIGUEL RIZZO

Caixa postal, 7.203

CAPITAL — São Paulo

Joalheria Holanda

Uma organização de evangélicos para servir aos evangélicos.

Executa-se qualquer serviço em ouro, platina e pedras preciosas.

Fabricação própria de jóias e relógios.

Limpesa, concerto e regulagem de relógios em poucos minutos com garantia de 5 anos.

Os melhores preços da praça. Visite-nos

Rua Barão de Itapetininga, 120 — 7.º andar, salas 714/5 — Telefone: 36-1915.

Responsáveis: IOMAR e DANIEL

DR. SALVADOR FARINA FILHO
ADVOGADO
Ministro do Evangelho

Escritório:
Atende-se das 10 às 12 horas
Praça da Sé, 371 — 3.º andar, s/316
Telefone: 33-9052
São Paulo — Capital

Residência:
Rua Talhado n.º 16
Travessa — casa 5
Ônibus 122
São Paulo — Capital

ATENÇÃO

Faça seu terno Sob Medida e pague em 10 pagamentos — Confecções finas para Homens — Variado sortimento e um completo mostruário de tecidos de tôdas as procedências.

ALFAIATARIA IMPERIAL
Sátilas Pires do Amaral
Rua Rubino de Oliveira, 83 S/Loja — Sala 1
Fone: 9-7252 (Chamar) — São Paulo

DR. ÂNGELO FARINA
CIRURGIÃO DENTISTA
Ministro do Evangelho
CONSULTÓRIO: Praça da Sé.
Rua Barão de Paranapiacaba, 25 — 6.º andar — Conj. 2.
Das 9 às 11,30 e das 13 às 19 horas

DR. NEWTON DE BARROS MADUREIRA
CIRURGIÃO DENTISTA
Moléstias da bôca — Tratamento Clínico e Cirúrgico — Reabilitação oral.
Consultas: Das 9 às 12 e das 14 às 20 horas
AV. RIO BRANCO, 211 — 7.º ANDAR, S/ 73 — SÃO PAULO

DRA. JUNIA MARINS DA SILVEIRA
—— Moléstias de Senhoras, partos e operações ——
Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 8.º - conj. 602 — Fone: 32-9664
SÃO PAULO

ÚLTIMAS NOVIDADES

HARSANYI, Zsolt — A vida de Galileu (O contemplador de Estrêlas) 590 págs. Broch. Cr$ 150,00.

HERMANN, Paul — A conquista do mundo (História das primeiras descobertas e explorações) Broch. 380 págs. Cr$ 160,00.

KELLER, Werner — E a Bíblia tinha razão... (Os arqueólogos arrancam às dunas do deserto os testemunhos da verdade das histórias bíblicas) 367 págs. Broch. Cr$ 160,00.

LA SAINTE BIBLE traduite en français sous la direction de l'Ecole Biblique de Jérusalem. Com Intr. e Notas. Enc. Cr$ 470,00.

LE JOURNAL DU MONDE (A história do mundo em forma de jornal) 52 N.os, 1.500 artigos, 800 ilustrações. Br. 210 págs., 1 vol., tamanho grande, Cr$ 360,00.

PEALE, Norman Vincent — O Poder do pensamento positivo — 271 págs. Broch. Cr$ 90,00.

QUEIROZ, Erodice — Porque deixei a indústria do crime (Narrativa de Narciso Lemos de Almeida) 113 págs. Broch. Cr$ 50,00.

SHOLEM, Asch — O Profeta — 339 págs. Broch. Cr$ 120,00.

STANLEY JONES — O Caminho (Meditações diárias) 364 págs. Broch. Cr$ 120,00.

TEIXEIRA, Rev. Alfredo Borges — Dogmática Evangélica — 334 págs. Broch. Cr$ 150,00.

Variado estoque de Bíblias e Novo Testamento.

Pedidos à LIVRARIA INTERNACIONAL
Rua Libero Badaró, 92 — And. 7
Fone 32-1225 — Caixa Postal 1405 SÃO PAULO — BRASIL

Alfaiataria Mancini

COMPLETO SORTIMENTO de casimiras e linhos das melhores procedências

Serviço esmerado. Preços sem concorrência

Serzidos invisíveis. Vendas a vista e a prazo

MATRIZ : Rua da Fábrica, 29, fone 204
SÃO MIGUEL PAULISTA - S. P.

FILIAL : Largo da Misericórdia, 14, 1.º andar, sala 1, fone 36-0736
CAPITAL - S. P.

REAIS DESCONTOS AOS EVANGÉLICOS

INDICADOR PROFISSIONAL

Escritórrio de ADVOCACIA

DR. AGUINALDO COSTA

(Professor Catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro — Docente livre da Fac. Nacional de Direito)

Rua do Ouvidor, 69 - 3.º, s. 33 — Tels. 23-1089 e 27-5299

RIO DE JANEIRO

DRA. CARMEN ESCOBAR PIRES

MOLÉSTIAS DE SENHORAS

Consultório: RUA 7 DE ABRIL, 235 - Apto. 308 - Telefone 34-1605

SÃO PAULO

ÓTICA GARCIA

PRECISÃO, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

Sempre os mais modernos estilos de armações — Oficina própria para preparo de lentes — Preços sem concorrência e reais descontos para evangélicos

RUA SÃO BENTO, 484 — FONE 33-1377 — SÃO PAULO

AGORA TAMBÉM SEÇÃO DE JÓIAS, RELÓGIOS E BIJUTERIA

C. F. FRANCO ENGENHARIA Ltda.

ENGENHEIROS

CLOVIS F. FRANCO e *CARLOS F. FRANCO*

Av. Ipiranga, 1123, 8.º - conj. 803 — Fones 36-5137 e 35-4578

SÃO PAULO

DR. HÉLIO KERR NOGUEIRA

ADVOGADO

CIVEL — COMERCIAL — ORFANOLÓGICA — TRABALHISTA

ADVOCACIA EM GERAL

Escritório: Lgo. São Francisco, 181, 3.º andar, Salas 1 e 2

Fone 35-3311 — São Paulo

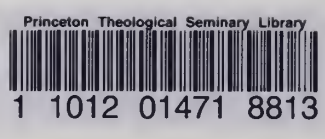
Suba os degraus da cultura lendo bons livros!
A BÍBLIA
DIGNO É O CORDEIRO de: Fr. SUTTER
A CEIA do Senhor a transubstanciação, de J. REIS Pereira
Compêndio de Arqueologia Bíblica do velho testamento, de: Edith Allen
Esboço de TEOLOGIA SISTEMÁTICA. de
A. B. LANÇSTON
CASA PUBLICADORA BATISTA
FILIAL
Av. São João 816-820
S. Paulo.

INSTITUTO MACKENZIE

RUA MARIA ANTONIA, 403 — SÃO PAULO

Cursos de extensão universitária são freqüentes na Universidade Mackenzie

A fotografia evidencia o interêsse que despertou, recentemente, a 1.ª Semana de Estudos Práticos de Engenharia Elétrica promovida pelo Centro Acadêmico "Horácio Lane" e prestigiada pela Reitoria e pela Direção da Escola de Engenharia

Composta e impressa na *Imprensa Metodista* São Bernardo do Campo SP

For use in library only